

# Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Fevereiro 1990



**FOME E  
POBREZA**





# Grandes desafios exigem grandes sacrifícios

**PROJECTO: Uma estação de rádio, de 250 kw, para a Europa do Leste, para o Próximo Oriente, a África do Norte e a Europa Ocidental**  
**— População: 750 milhões de almas**

As palavras de Jesus, contidas em Mateus 24:14, são claras e exactas; lembram-nos o mandato que Jesus nos confiou.

Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.

Nós, Adventistas do Sétimo Dia, vemo-nos, à luz das Sagradas Escrituras, como um movimento missionário mundial, e portadores de uma Mensagem confiada por Deus. Do seio das turbulências dos acontecimentos finais, nós desejamos responder corajosamente ao mandato divino. No decurso das últimas semanas e meses, eu tomei consciência, mais uma vez, que certas situações e acontecimentos de importância capital se vão precipitar e levar o mundo ao seu fim e ao grande dia da volta de Jesus.

## 70% dos baptizados anuais são devidos à rádio Guam

Há 5 anos, isto é, em 1985, fomos feitos um apelo para um sacrifício especial em favor de uma estação emissora na ilha de Guam. Tratava-se de enviar a Mensagem até aos confins da Ásia, cujo número de habitantes se eleva a dois biliões e meio. A China constituía um dos objectivos maiores. Esta estação de rádio existe há três anos e funciona 24 horas por dia. As reacções e os resultados são animadores, especialmente quando emanam da China, que tem, ela só, um bilião de almas. Mas milhares de cartas chegam à nossa estação. Professores universitários e seus alunos, camponeses no seio dos seus arrozais, famílias nos seus lares, todos ouvem as nossas emissões e através de cartas exprimem a sua alegria e gratidão.

Há 5 anos havia 35.000 membros de igreja na República Popular da China. Relatórios recentes indicam que este número é actualmente de 60.000. Cada ano, há milhares que, pelo baptismo, se unem à Igreja. 70% representam o fruto das emissões radiofónicas de Guam. E o mesmo acontece noutros países da Ásia. Recordo com profundo reconhecimento a alegre liberalidade dos nossos irmãos e ir-

mas da Europa ocidental. A sua contribuição foi decisiva para a concretização do projecto de Guam.

## Extraordinárias possibilidades na Europa do Leste

A nossa obra na União Soviética é hoje objecto de possibilidades totalmente desconhecidas até há pouco tempo. Os factos o provam: Deus abre as portas no momento oportuno, aplanando os caminhos, desvia os obstáculos. Com 280 milhões de habitantes, este país constitui um enorme desafio. Quando, há três anos, visitei as igrejas adventistas da União Soviética, fiquei profundamente impressionado e subjugado pelas extensões intermináveis do território russo. Os 35.000 adventistas disseminados por este imenso território precisam do nosso auxílio especial. Pode-se viajar vastas extensões sem encontrar uma única igreja adventista. E, mais do que isso, numerosos grupos populacionais jamais poderiam ser atingidos através dos nossos métodos habituais.

A Albânia está-nos hermeticamente fechada — a nossa Igreja nem sequer ali está representada. Mas temos conhecimento que existe ali uma irmã que mesmo neste país faz brilhar a sua luz. E contudo, a Mensagem Adventista também tem de ser ali proclamada. Como?

Se pensarmos em países como a República Democrática Alemã, como a Polónia, a Checoslováquia, a Hungria, a Bulgária e a Roménia, compreenderemos que temos ao alcance um importante meio que de modo algum poderemos negligenciar. A situação actual apresenta-nos um desafio surpreendente que nos leva a fazer qualquer coisa de muito especial. Mas o quê?

## No Próximo Oriente e na África do Norte vivem 175 milhões de pessoas

A população destes territórios é 95% muçulmana. Em muitos destes países não é autorizada qualquer actividade missionária. Na Tunísia, por exemplo, não existe nenhum membro de igreja; na Argélia há apenas 10 e em Marrocos, 15. Põe-

se a questão de saber o que fazer para que estas populações ouçam a última Mensagem e tomem posição pela vida eterna e pelo reino de Deus.

## Um projecto fora do comum

As ondas hertzianas não conhecem qualquer fronteira e ninguém as consegue deter. Assim, o nosso plano é construir na Itália uma estação emissora de onda curta, de 250 Kw, capaz de alcançar toda a Europa do Leste, mas também do Oeste, o Próximo Oriente, a África do Norte, bem como outros sectores mais distanciados. A esta estação juntar-se-ão dois pequenos emissores de onda média: um será construído na costa oriental italiana, tendo como objectivo a Albânia, e o outro na Sicília, visando a Tunísia. Os custos de investimento para o emissor de onda curta e para os de onda média estão calculados em Esc. 1.125.000.000\$. Uma soma colossal, sem dúvida! O ano de 1990 será também o da grande sessão da Conferência Geral em Indianápolis. Será então levantada uma oferta para este objectivo, à qual se juntarão duas ofertas que terão lugar em todas as igrejas adventistas do mundo inteiro. Eis as datas dessas ofertas: **10 de Março e 19 de Maio de 1990.**

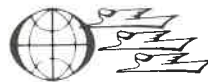
## Grandes desafios exigem grandes sacrifícios

Estaremos nós preparados para isso? Eu congratulo-me com a perspectiva destas ofertas. Elas vão dar-nos a oportunidade de um gesto especial, de um verdadeiro sacrifício, a fim de oferecer a milhões no Leste e Oeste, no Norte e no Sul do nosso planeta a possibilidade de ouvirem as boas novas da salvação em Cristo Jesus.

Como povo adventista, nós acreditamos na breve vinda do Senhor. Mas desejamos que esta Vinda seja precedida da proclamação do «Evangelho Eterno» a toda a nação. A construção destas três estações radiofónicas servirá para realizar essa importante missão. Que Deus nos ajude a concretizar este extraordinário projecto!

*E. Ludescher é presidente da D.E.A.*

# Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Fevereiro de 1990

Ano L • N.º 516

**DIRECTOR:**

J. Morgado

**REDACTORA:**

M. R. Baptista

**PROPRIETÁRIA E EDITORA:**

Publicadora Atlântico, S.A.

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:**

Rua Joaquim Bonifácio, 17  
1199 Lisboa Codex  
Telef. 542169

**PREÇOS:**

Assinatura Anual 750\$00  
Número Avulso 75\$00

**EXECUÇÃO GRÁFICA:**

Santos & Costa, Lda.  
Vale Travelho • Pedreiras  
2480 Porto de Mós  
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

## Sumário

- 2** Grandes desafios exigem grandes sacrifícios  
Por E. Ludescher
- 3** Cristãos num mundo em necessidade  
Por William Johnsson
- 5** A Estratégia Global e os Pobres  
Por Neal C. Wilson
- 6** O que causa a Fome no Mundo?  
Por Tom Dybdahl
- 7** ADRA — Partilhando as Bênçãos de Deus  
Por Ralph S. Watts, Jr.
- 8** Ellen White e a Obra Social  
Por Calvin B. Rock
- 9** Etiópia  
Por Mário Ochoa
- 11** Cidades, o Quarto Mundo  
Por Ivan Leigh Warden
- 12** O que é que a Igreja está fazendo em relação à pobreza?  
Por Myron Widmer
- 16** Por Amor aos Outros  
Por José Carlos Costa
- 17** Quem disse que as Dorcas morreram?  
Por M. R. Baptista
- 18** O que posso fazer?  
Um Reflexão Prática
- 20** Ano Novo em Bucareste  
Por Ulrich Frikart

# CRISTÃOS NUM MUNDO EM NECESSIDADE

## Será que a Bíblia ensina que temos um dever para com os pobres e desabrigados?

Este número especial da *Revista Adventista*, a exemplo da *Advent Review*, sua congénere mundial, deseja suscitar estas questões e apresentá-las à igreja em Portugal. Os artigos que seguem, na sua quase totalidade traduzidos da *Advent Review*, são o resultado de estudos e pesquisas com os responsáveis mundiais dos Ministérios da Igreja, dos Centros de Assistência à Comunidade e da ADRA, que é a organização legal adventista para prestar auxílio em casos de emergência ou sinistros e a países em vias de desenvolvimento.

Quando o Leitor tiver acabado de ler este artigo, e só durante o tempo em que o leu, algures no mundo, 200 pessoas terão morrido de fome. E cerca de 150 dessas pessoas terão sido crianças.

Se numa fábrica de produtos químicos explodisse um depósito de gás, e se espalhasse uma nuvem mortal (como aconteceu em Bhopal, Índia, há alguns anos), mantando tudo à sua passagem, os meios de comunicação social proclamariam esse acontecimento com sons de trombeta e o mundo ficaria horrorizado. Mas em cada minuto de cada hora de cada ano a fome mata 24 seres humanos, e 18 são bebés — 35 000 por dia. Em aproximadamente dois dias isso perfaz o total dos que pereceram em Hiroxima.

Será que nós, cristãos, temos uma responsabilidade em relação à fome que grassa no mundo?

Todas as noites, nas grandes cidades da América e da Europa há milhares de homens e mulheres, rapazes e meninas que não recolhem a casa pela simples razão de que não têm casa. Dormem nas ruas, nos jardins, ou recolhem-se em abrigos para pobres, onde pernoitam. Quando sopram os ventos gelados, quando as temperatu-

ras descem abaixo de zero, muitos há que se acotevelam junto das grades aquecidas [por onde sai o vapor] nas cidades de Washington, Nova Iorque e Chicago.

Será que os Adventistas têm o dever de procurar ajudá-los?

Então a nossa missão não é pregar o Evangelho? Não temos nós uma tarefa mundial a cumprir? Se nos envolvermos no trabalho de ajudar os pobres, não nos estaremos a desviar da grande comissão que o Senhor nos confiou? Não acontecerá que dentro em pouco seremos uma mera organização de assistência social que por acaso guarda o Sábado?

E mais: que diferença fará isso? Quando eu trabalhava na Índia, há alguns anos, um amigo disse-me um dia: «De que serve isso? Tudo o que fizermos não será senão uma gota de água num oceano!» Talvez que então mais valha deixar o cuidado dos pobres, famintos, desabrigados e nus deste mundo para grupos como o Exército da Salvação.

Desejamos trazer perante a igreja as dimensões das necessidades físicas do mundo nos nossos dias — que se está desmoronando — e examinar em conjunto que resposta devemos e podemos dar-lhes.

Para os Adventistas, o lugar apropriado para iniciar qualquer estudo é a Bíblia Sagrada. Será que as Escrituras ensinam que temos o dever de ajudar os pobres e necessitados? Que faria Jesus se vivesse hoje na Terra?

### Jesus

A história de Jesus pode ser contada de muitas maneiras, mas se ao lermos os Evangelhos procurarmos ter uma visão de conjunto, dois factores elementares se destacam: Jesus era um homem pobre que passou a maior parte do Seu ministério a ajudar os pobres.

No Natal, as crianças costumam fazer lindos presépios para comemorar o nascimento de Cristo, mas a realidade foi bem diferente. Se alguém quisesse saber o que é de facto um presépio, vá a um verdadeiro estábulo e verá. Tosco, com cheiro não muito agradável, frio, sem comodidades.

Foi num lugar assim que Ele começou a Sua jornada terrestre — Ele, o Rei do Céu. Porque não havia nenhum lugar para Ele em nenhuma estalagem, o Seu berço teve de ser uma manjedoura.

Ele cresceu como pobre, trabalhando com as Suas mãos pelo pão de cada dia, tal como muitos ao Seu redor. Nunca fez estudos superiores, nem recebeu qualquer diploma.

Criador e Mantenedor do Universo, Ele tornou-Se Aquele que pedia emprestado. Pediu emprestado um barco para Se sentar enquanto pregava. Pediu emprestado cinco pães e dois peixes para alimentar a multidão. Pediu emprestado um jumento para entrar em Jerusalém. Pediu emprestado o Cenáculo, onde teve lugar a Última Ceia. E após terem-n'O crucificado, o Seu corpo foi colocado num sepulcro emprestado.

Para Jesus, curar e pregar eram inseparáveis. Ele passou muito do Seu tempo a curar, diz-nos Ellen White (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 259, ed. de bolso p. 332). Ministrava ao ser humano na sua *totalidade*: sabia que pessoas surdas ou com corpos cheios de febre precisam de alívio físico para poderem ouvir a boa palavra acerca da perdoadora graça de Deus.

Ninguém na sociedade — ninguém — estava abaixo d'Ele. Por ter nascido numa manjedoura, Ele descera tanto que podia levantar qualquer um. Até leprosos. Até prostitutas. Até Samaritanos. Até mulheres.

A vida de Jesus era uma reviravolta nos valores dos Seus dias — e nos

nossos. Os escribas e fariseus ensinavam, e o povo acreditava, que o bem-estar material andava de mãos dadas com a bênção de Deus. Vêem aquele homem rico? Ele anda perto de Deus, porque Deus o abençoa. Vêem aquele homem pobre? Ou aquele homem doente? A maldição de Deus está sobre ele.

Obviamente uma bela teologia, se uma pessoa era rica, saudável e tudo ia bem! Mas a própria vida de Jesus, tal como o Seu ministério e ensino, mostram como era falsa.

«Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus», disse Ele. «Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos» (Luc. 6:20, 21). Mas aos ricos disse: «Aí de vós, ricos! porque já tendes a vossa consolação. Ai de vós, os que estais fartos, porque tereis fome» (versos 24 e 25).

Quando Jesus declarou aos discípulos, «Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no reino dos céus», eles ficaram admiradíssimos (Mat. 19:23). Se o rico — que obviamente desfrutava da bênção de Deus — não o podia, então que esperança havia para eles?

Claro que Jesus não condena os ricos em si mesmos. Ele acolheu bondosamente gente rica como Zaqueu, Nicodemos e José de Arimateia. Não foi o dinheiro, mas o amor ao dinheiro que impediu o jovem rico de entrar no Reino. Mas pela palavra e exemplo Jesus invertia a escala de valores e abria as portas do céu aos deserdados da fortuna, aos pobres, paralíticos, cegos, surdos, mudos, possessores do demónio, famintos.

A última parábola de Jesus ilustra o juízo final. Quando nos encontrarmos perante o tribunal de Deus para prestar contas, a questão não será quanta teologia sabemos, mas como *vivemos*. Especificamente, que fizemos com Jesus — que veio a nós como faminto, sedento, sem lar e prisioneiro? (Mat. 25:31-46).

Jesus alterou o pensamento dos Seus (e nossos) dias, mas não alterou o Velho Testamento.

## O Velho Testamento

Quando Yahweh libertou as tribos hebraicas da escravidão egípcia, fez

delas uma nação e deu-lhes leis. Tomou então providências para com os necessitados. «Nunca cessará o pobre do meio da terra; pelo que te ordeno, dizendo: Livrementemente abrirás a tua mão para o teu irmão, para o teu necessitado, e para o teu pobre, na tua terra» (Deut. 15:11). Quando colhessem ou ceifassem, deviam os israelitas deixar um respigo para os pobres (Lev. 19:9, 10). Deviam de ser imparciais na justiça para com os pobres (v. 15). Deviam salvaguardar a propriedade de uma pessoa que se tivesse tornado tão pobre ao ponto de ter de vender a Sua terra; no ano do jubileu ela voltaria livre para o seu proprietário original (Lev. 25:25-28). «Não endurecerás o teu coração, nem fecharás a tua porta ao teu irmão que for pobre; antes lhe abrirás, de todo, a tua mão, e livremente lhe emprestarás o que lhe falta, quanto baste para a sua necessidade» (Deut. 15:7, 8).

Algumas pessoas eram tão pobres que o único agasalho que possuíam era a sua própria roupa e nela se embrulhavam para dormir. Mas o Senhor providenciou mesmo para esta situação: «Porém, se for homem pobre, não te deitarás com o seu penhor. Em se pondo o Sol, certamente lhe restituirás o penhor; para que durma na sua roupa, e te abençoe» (Deut. 24:12, 13).

Por isso, encontramos nos Salmos: «Clamou este pobre, e o Senhor o ouviu, e o salvou de todas as suas angústias.» «Bem-aventurado é aquele que atende ao pobre; o Senhor o livrará no dia do mal» (Salmo 34:6; 41:17).

Os profetas do Velho Testamento clamaram contra a opressão dos pobres. Conscientes do que se passava, denunciaram uma vez e outra os grandes proprietários, os senhores da terra, os açambarcadores, os vendedores de álcool e os usurários. Apelaram ao Povo de Deus para que vivesse uma religião genuína — uma religião que ajudasse os necessitados, em vez de confiarem em cerimónias.

No capítulo 58 de Isaias, a grande passagem bíblica que os Adventistas tanto amam porque fala da restauração do Sábado, o profeta declara primeiro: «Porventura não é este o jejum que escolhi? que soltes as ligaduras da

impiedade, que desfaças as ataduras do jugo? Porventura não é, também, que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados? e, vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?» (Isa. 58:6, 7).

Ao pronunciar o juízo sobre Israel, o Senhor, através do profeta Amós, enumerou os pecados da nação: «Suscitando pelo pó da terra sobre a cabeça dos pobres, eles pervertem o caminho dos mansos... E se deitam junto a qualquer altar, sobre roupas empenhadas...»

«Dizendo: Quando passará a lua nova, para vendermos o grão? e o Sábado, para abirmos os celeiros de trigo, diminuindo o efa [medida], e aumentando o siclo, e procedendo dolosamente, com balanças enganadoras, para comprarmos os pobres por dinheiro e os necessitados por um par de sapatos?» (Amós 2:7, 8; 8:5, 6).

Na profecia de Miquéias, em todas as páginas assomam faces camponesas, vivendo em grande aperto e necessidade — de costas curvadas, doloridas, oprimidas. Os que planeiam a iniquidade, «cobiçam campos, e os arrebata, e casas, e as tomam: assim fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança.» E dos chefes e príncipes de Israel é dito: [vós] «que arrancais a pele de cima deles e a sua carne de cima dos seus ossos... que comeis a carne do meu povo, e lhes esmieuçais os ossos» (Miq. 2:2, 3:2, 3).

Este pequeno livro encerra com uma magnificente declaração do que Deus espera de cada um de nós. É a soma e sumário do velho Testamento: «Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?» (Miq. 6:8).

## A Nossa Herança Adventista

Nas primeiras edições do livro *Estudos Bíblicos Para a Família*, hoje um clássico da literatura adventista, encontramos uma secção intitulada: «Os Pobres e o Nosso Dever Para Com Eles». Seguem-se quatro estudos bíblicos: «A Obra de Auxílio Cristão», «Visitando os Doentes», «Curando os Doentes» e «Trabalho nas Prisões».

Ali se cita Tiago 1:27: «A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo.» Como se vê, os Adventistas dos tempos antigos acreditavam que deviam de pôr em prática este texto.

A mulher cristã cujos conselhos moldaram o Adventismo e cujos escritos ainda continuam a guiar este movimento foi um exemplo vivo desta forma de pensar. A sua compreensão da religião era solidamente prática. Apesar de todas as exigências do seu tempo e energias, ela passava muitas horas em visitação a doentes e a ajudar os necessitados. (Ver artigo sobre o seu ensino acerca do dever de cuidar dos pobres).

Desse conselho e preocupação, firmemente fundamentados nas Sagradas Escrituras, deram os Adventistas sempre provas através do seu interesse e acção social. À medida que nos fomos espalhando por diversos países no mundo, levando o Evangelho eterno

a toda a nação, tribo, língua e povo, estabelecemos também clínicas médicas e dentárias, construímos hospitais e procurámos alimentar os famintos e vestir os nus.

Que mais *podemos* fazer? As Boas Novas que *pregamos* não podem ser separadas das Boas Novas que *vivemos*. Aquelas sem estas não são o Evangelho, mas a perversão da mensagem de Jesus. «Que importa, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se a não põe em prática? Essa fé terá algum valor para ele? Imaginem que algum irmão ou irmã não tem nada que vestir e lhe falta o necessário para comer, cada dia. Vocês podem dizer-lhes: ‘Vão em paz! Não-de encontrar com que se aquecer e matar a fome!’ Mas, se não lhe dão aquilo de que eles precisam, de que valem essas boas palavras? Do mesmo modo, a fé, se não é posta em prática, está morta» (Tiago 2:14-17, versão *A Boa Nova Para Toda a Gente*).

Às vezes pergunto a mim mesmo como será que Deus vê esta geração.

Será que podemos ser profundamente imorais? Nós que vivemos tão bem, enquanto milhões morrem de fome, nós que esbanjamos os recursos da Terra, enquanto bebês morrem de fome (18 por minuto), nós que desperdiçamos, enquanto multidões remexem nos recipientes do lixo à procura de alimentos deteriorados — como nos vamos aguentar quando formos chamados ao tribunal da Sua justiça?

Como nos aguentaremos *nós*, Adventistas? Todos nós amamos uma bela discussão teológica. E os pobres? Também os amamos?

Duzentas pessoas. Mortas neste momento. Estavam vivas quando o prezado leitor começou a ler este artigo. Mas agora estão mortas — mortas de fome. Entre elas, 150 bebês.

Gente que tem rostos. Gente que tem nomes. Que não são apenas números. São gente — filhos de Deus tal como nós.

Alguém ouviu o seu último gemido? Alguém viu os seus rostos?

*William Johnsson é redactor da Adventist Review.*

## A Estratégia Global e os Pobres

NEAL C. WILSON

A Igreja Adventista do Sétimo Dia começou recentemente a pôr em prática uma acção de estratégia global para a terminação da obra que o Senhor nos confiou de levar o Evangelho Eterno «a toda a nação, e tribo, e língua, e povo» (Apoc. 14:6). Enquanto que no passado a nossa grande preocupação e planificação ia no sentido de estabelecer a nossa obra no maior número possível de países, hoje temos a compreensão de que essa tarefa é muito maior e que muito mais deve ser feito.

Temos de enviar esforços para atingir os vários grupos de pessoas dentro de cada país e colocá-las em contacto com a salvadora graça de Cristo. São mais de três biliões os que nada sabem da morte redentora de Jesus e dos direitos que a mesma Lhe confere nas suas vidas.

Compreendemos hoje, melhor do que nunca, a magnitude da nossa missão. Como pode uma tão grande tarefa ser terminada?

Mas nós temos um Deus maravilhoso e Ele mesmo prometeu: «Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito» (Zac. 4:6).

Ao fazermos planos para uma estratégia global, não devemos esquecer o nosso ministério em favor dos pobres e necessitados que vivem ao redor de nós. Talvez fosse confortador raciocinar que, uma vez que os nossos recursos são tão limitados e as exigências da evangelização tão grandes, deveríamos deixar a outros o cuidado dos pobres, famintos e oprimidos. Mas tal raciocínio seria profundamente errado! Se temos de realizar o mesmo ministério que Jesus realizou, em favor dos homens e mulheres de hoje, temos também, tal como Ele, não só de pregar, mas também de curar os doentes, alimentar os famintos e ajudar os oprimidos.

Isaías 58 é um capítulo precioso para os Adventistas do Sétimo Dia. Os versículos 12 a 14 têm um significado especial na nossa história, dado o apelo que encerram de «desviares o teu pé do Sábado, e de fazer a tua vontade no meu santo dia». Vemos neste capítulo como foi suscitado um povo «reparador das roturas (na lei de Deus) e restaurador de vedadas para morar.»

No entanto, devemos notar também que o chamado para restaurar o Sábado está directamente ligado ao trabalho em favor dos menos afortunados: soltar as ligaduras da impiedade, repartir o seu pão com o faminto, recolher em casa os pobres desterrados, cobrir o nu (v. 6 e 7). Assim, como reparadores de roturas, cumpre-nos não só restaurar o Sábado, mas também cuidar dos pobres.

Ellen White confirma este aspecto dual da nossa missão. Num artigo intitulado «Aproxima a tua alma dos famintos», publicado na *Review and Herald* de 20 de Agosto de 1895, ela escreveu: «No capítulo 58 é claramente apresentado o trabalho que o povo de Deus é chamado a fazer nas fileiras de Cristo. Devem quebrantar todos os jugos, devem alimentar os que têm fome, vestir os nus, abrigar os que não têm lar, aproximar a sua alma dos famintos e confortar toda a alma aflita. Se puserem em prática os princípios da lei de Deus em actos de misericórdia e amor, então representarão o carácter de Deus perante o mundo.»

Na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o trabalho médico-missionário tem muitas vezes constituído uma «cunha» para a entrada em novos lugares. Em anos recentes, o crescente e continuado empenhamento da Igreja nos problemas sociais e no auxílio às comunidades, e o impacto criado pela *Adventist Development and Relief Agency* (ADRA) têm ajudado a abrir novas portas, durante muito tempo fechadas aos Adventistas.

Assim, a nossa estratégia global tem de incluir, e inclui, um grande espaço para o cuidado pelos pobres e carenciados. Só então poderemos representar condignamente a Cristo e cumprir a missão que Ele nos confiou.

*Neal C. Wilson é presidente da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia.*

# O QUE CAUSA A FOME NO MUNDO?

A resposta surpreender-vos-á provavelmente

**S**e eu vivesse na Etiópia, com a idade que tenho seria um homem velho, tendo já ultrapassado a minha expectativa de vida. Os meus amigos de infância ter-se-iam tornado simples recordação. E à chegada de cada novo neto, eu saudá-lo-ia com uma silenciosa pergunta: «Sobreviverá este?»

Mas eu vivo nos Estados Unidos. E por isso, aos 41 anos, estou ainda no vigor da vida. Hoje, antes do almoço, corri 8 quilómetros. E espero conservar a minha saúde durante mais uma geração: espero ver os meus filhos crescerem, prosperarem e multiplicarem-se.

Gostava de poder pensar numa razão pela qual os Dybdahls merecem todo este bem-estar, não não consigo. À luz da fome que existe no mundo, isso é algo que me perturba. Penso que acontece o mesmo a outras pessoas.

## Começa com os números

Em cada dia que passa, 35.000 pessoas morrem de fome. Anualmente, as mortes por fome totalizam de 13 a 18 milhões de pessoas.

Mas os mortos talvez sejam, apesar de tudo, os mais felizes: a sua dor acabou. Mais de um bilião de pessoas — pelo menos uma em cada cinco neste planeta — vive com fome crónica.

Frequentemente os números deixam de ter significado. Diz-se que Estaline observou um dia: «A morte de uma pessoa é uma tragédia; a morte de um milhão de pessoas é uma estatística.»

A fome é uma estatística! Mas os números não sofrem, não lutam, não morrem. As pessoas, sim, aos milhões, uma de cada vez. Cada uma sob o olhar do Céu, que também me observa a mim.

## O Que Significa a Fome

Já me aconteceu ter fome, mas sempre soube onde podia ir buscar comida e quando obtê-la. Porém, nunca ti-

ve fome — sabendo que não havia nenhuma comida para mim nem para a minha família, e tão-pouco sem saber onde e quando ir arranjar-la.

Começa com dor. «Ao princípio está connosco todo o tempo, andando e dormindo, e nos nossos sonhos, e no nosso estômago clama insistentemente... Depois a dor deixa de ser tão aguda e torna-se entorpecedora, e também está sempre connosco, por isso pensamos em comida muitas vezes ao dia, e de cada vez uma náusea aguda nos assalta... Por fim, também isso passa, passa toda a dor, todo o desejo, e só fica um grande vazio grande como o céu.»<sup>1</sup>

Há milhões de pessoas que morrem simplesmente de fome. Outras sucumbem devido a doenças relacionadas com a má nutrição. As crianças, que precisam de nutrição apropriada para poderem crescer como deve de ser, são sempre as que mais sofrem. Há populações inteiras que nem sequer têm hipótese de chegar à idade adulta e de ter qualquer produtividade.

O povo de Iteso, na parte oriental do Uganda, dá a cada mês do ano um nome descritivo. Agosto é o mês a seguir à colheita do milho; tem por isso



o nome de «mês dos grandes estômagos». Mas Maio, o mês antes da colheita, é «o mês em que as crianças esperam comida.»<sup>2</sup> Quando a colheita falha, como tem acontecido com crescente regularidade em anos recentes, elas esperam em vão.

Uma vez, apenas uma vez, me lembro de a minha filha me pedir comida e não ter nada para lhe dar. Estávamos num motel e era a meio da noite.

E agora penso: *O que será ver os nossos filhos morrerem de fome?* ouvi-los pedir, suplicar comida, dia após dia, e não ter nada para lhes dar? O que será ver os seus estômagos incharem e vê-los tornarem-se apáticos, tal como nós, e, finalmente, silenciosos, e não poder fazer nada por eles?

A fome apresenta escolhas terríveis. Na América, uma pessoa média gasta 11% dos seus recursos em comida. Na Nigéria, no extremo do Sahel africano, esta percentagem é de 62%. Depois de tirar o dízimo e a alimentação ficam 28% para todas as outras despesas.

O Dr. Charles Clements é um médico que passou um ano a tratar dos camponeses de El Salvador. Ele relatou o caso de dois pacientes, um irmão e uma irmã, que morreram de febre e diarreia. «Ambos se tinham perdido dois anos antes, quando Camila e o marido tomaram a decisão de pagar a sua hipoteca, uma soma igual a metade do valor da sua colheita, em vez de guardarem o dinheiro para alimentar os filhos. Todos os anos a escolha era a mesma. Se pagassem, a vida dos filhos era prejudicada. Se não pagassem, a sua terra ser-lhes-ia tirada.»<sup>3</sup>

O que causa a fome? Eis um teste: A causa primária da fome é:

- Demasiada população
- Desastres naturais
- Práticas agrícolas inadequadas
- As três causas acima referidas
- Nenhuma das causas referidas.

A resposta é a alínea e): Nenhuma das causas acima referidas. Gostáramos que a resposta fosse as outras alíneas, porque a) e c) colocam a culpa nos famintos, enquanto b) a coloca em Deus (ou no demónio). E há uma certa dose de verdade em cada uma destas respostas.

Os países onde há fome têm tendência a ter elevadas taxas de nascimentos. Mas para os pobres, os filhos constituem o único plano de reforma. Contam com o cuidado deles para sobreviverem e por isso os pais têm de ter muitos filhos.

Contudo, a densidade populacional e a fome não são companheiros inevitáveis. A Coreia do Sul tem apenas metade do terreno arável por pessoa que o Bangladeche possui, e todavia o Bangladeche enfrenta uma crise de fome severa e geral. Na Holanda existe maior densidade populacional do que na Etiópia, mas os holandeses exportam grandes quantidades de alimentos.

Quanto a desastres naturais, tais como inundações, secas, ciclones, é certo que eles interrompem a produção de alimentos. Mas a fome causada directamente por estes «actos de Deus» contribui apenas numa pequena proporção para o problema da fome no mundo. Muitas vezes, a situação pro-

vocada pela escassez e pela fome é uma oportunidade para os ricos —

mentarem os preços. Os pobres têm de vender maior porção da sua terra, ou dos seus recursos, o que os coloca em posição de sofrer maior fome no futuro.

Muitos camponeses pobres exploram demasiado as suas terras. Mas quase sempre o fazem por necessidade absoluta. A sobrevivência exige o máximo de produção *agora*: eles não podem dar-se ao luxo de pensar sequer em estabelecer medidas de conservação a longo prazo.

### Decisões que Afectam a Fome

A despeito dos problemas de crescimento da população, dos cataclismos naturais, das más técnicas de trabalhar a terra, cada ano o mundo produz alimentos em quantidade suficiente para alimentar bem cada um dos seus habitantes. A fome não provém de uma escassez de alimentos; provém de escolhas económicas e políticas de gente bem alimentada.

Algumas destas escolhas são feitas pelos governos, que não distribuem a terra equitativamente e que gastam os seus magros recursos em objectivos militares. Mas os cidadãos livres e cultos das nações ocidentais têm tam-

bém importantes escolhas a fazer. Estaremos nós dispostos a partilhar os alimentos — e os recursos para a sua produção — com pessoas que não têm com que nos pagar? O que é que eu quero, de facto: sentir muita pena pelos que morrem de fome, ou fazer mesmo alguma coisa para os ajudar?

A fome no mundo continua a ser um problema de dimensões enormes. Mas cada pessoa pode fazer qualquer coisa para diminuir este problema. Eu posso tomar conhecimento dos factos ligados à fome, às suas causas e efeitos, de modo que esse conhecimento afecte a maneira como gasto o meu tempo e o meu dinheiro, influencie o que eu ensino aos meus filhos e a minha maneira de me relacionar com os outros. Estas são escolhas minhas.

### Referências:

1. Kamala Markandaya, *Nectar in a Sieve*, 2.<sup>a</sup> ed. americana, N.I., John Day Co., 1955, pp. 121, 122.

2. Jim McDowell, *The Month When the Children Wait for food*, UNICEF News 85, n.º 3, 1975, pp. 27, 28.

3. Charles Clements, *Witness to War*, N.I., Bantman, 1984, p. 104.

*Tim Dybdahl é director do projecto de Prevenção Index na Rodale Press, em Emmaus, Pensilvânia, e o co-autor de The Empty Breadbasket [O cesto de pão vazio]: um relatório do Projecto Cornucopia. Texto inserido na Advent Review.*

## ADRA — Partilhando as Bênçãos de Deus

RALPH S. WATTS, JR.

A palavra «vocação» provém do étimo latino VOCARE, que significa «chamar» e refere-se literalmente «ao trabalho que alguém é chamado a fazer para Deus.» Saber que estamos respondendo ao chamado de Deus é um importante factor no trabalho que a ADRA, *Adventist Development and Relief Agency* [Organização Adventista para Desenvolvimento e Auxílio] está realizando.

O problema é que não é só Deus quem faz chamados. Grande parte da nossa vida é passada a distinguir a verdadeira voz da falsa, a escolher o melhor do bom e até a seleccionar entre opções que à pri-

meira vista parecem iguais.

Ouvir o chamado de Deus para trabalhar significa ser capaz de discernir, de escolher, de combinar escolhas com acção. Significa saber — saber de facto — que se está a responder ao chamado de Deus.

Entre as vozes que ouvimos a chamarmos há uma voz que parece atrair sempre a nossa atenção. É a voz dos necessitados, a voz da carência, a voz da humanidade. Descobrimos que ao ouvir atentamente a voz dos pobres quase ouvimos a voz do Pai.

Damos grande apreço à nossa relação com os pobres. Olhamos para eles com respeito, como companheiros com quem trabalhamos numa relação de aprendizagem e partilha mútuas. Ouvi-los ajuda-nos a compreender a natureza das nossas actividades e a avaliar quão apropriadas são. A discussão das opções leva geralmente a colocar o melhor em primeiro lugar.

Um dos meus colegas da ADRA trouxe recentemente do Gana um utensílio bem estranho. É a cabeça de uma velha enxada de ferro. A lâmina está gasta e quase já não existe. O meu colega recebeu-a de um agricultor que ainda a usava. Deu-lhe em troca uma enxada completamente nova. O meu colega trouxe a velha ferramenta como lembrança da nossa mais importante sociedade — a nossa sociedade com aqueles com quem trabalhamos, ajudando-os a aumentar os seus recursos e a melhorar a sua qualidade de vida.

Temos muito a aprender com a sua coragem e determinação. Somos enriquecidos pelas suas diferentes culturas. E a nossa associação com eles é para nós fonte de grandes bênçãos.

*Ralph S. Watts, Jr. é presidente executivo da ADRA Internacional.*

tade de Deus. Ela fala dos necessitados como «aflitos do Senhor.» (*Testemunhos Selectos*, vol. II, p. 508.)

Porém, fosse qual fosse a razão para essa condição, ela considerava todas as classes de pobres como necessitando da nossa simpatia e auxílio. Se nos seus escritos encontramos preferências, elas vão para as crianças e os idosos, para os economicamente dé-

nível sócio-económico da igreja. O Seu povo, armado de cestos repletos e cavalgando nos lugares altos da terra, qualifica-se como embaixadores de misericórdia, instrumentos nas mãos de um Deus que dá liberalmente.

A terceira esfera de serviço é a comunidade mundial. «Qualquer ser humano que necessite da nossa simpatia e dos nossos bons ofícios é o nosso próximo. Os sofredores e desvalidos de toda a classe são o nosso próximo; e quando as suas necessidades são trazidas ao nosso conhecimento, é nosso dever aliviá-los tanto quanto nos seja possível.... O nosso próximo é toda a família humana» (*Beneficência Social*, pp. 45, 46).

Em palavras mais simples, isto quer dizer que nós somos guardadores dos nossos irmãos e irmãs. As necessidades do povo apaxe da América, das favelas da América do Sul, dos eritreus da Etiópia, ou dos refugiados do Camboja podem não ser tão evidentes como as da igreja local, ou mesmo como as da comunidade em que vivemos, mas também elas devem ser motivo do nosso interesse, preocupação e acção. Ellen White disse que viver sumptuosamente e ter apenas um olhar superficial em relação àqueles que vemos significa negar a nossa fé — um escândalo para o nome d'Aquele que Se fez pobre por amor de nós e cujo trabalho em favor dos desprezados da sociedade é para nós um exemplo.

### Confusão

Contrariamente ao que por vezes se pensa, Ellen White não considerou o trabalho em favor dos necessitados uma função secundária ou mesmo paralela em relação ao Evangelho. Muitos ficaram confusos com as suas advertências contra assistir os pobres a expensas de negligenciar «a causa de Deus». Alguns concluíram que ela considerava o trabalho em favor dos pobres como algo distinto «da causa de Deus», uma responsabilidade subordinada à tarefa principal da igreja. Mas tal não é o caso.

O estudo cuidadoso dos contextos revela que estas advertências têm a ver com a utilização, para fins sociais, de fundos essenciais à manutenção da es-

beis, para os oprimidos e para os que sofrem pelas suas crenças cristãs.

### O Chamado para Servir

Ao expor o dever dos Adventistas do Sétimo Dia em relação aos pobres, a nossa profetisa desafia-nos a servir em várias arenas. A primeira é a comunidade da igreja ou congregação local. «É dever de cada igreja fazer arranjos cuidadosos e judiciosos para o cuidado dos pobres e enfermos» (*Beneficência Social*, p. 181).

O segundo campo de trabalho é a comunidade local, aquela em que as igrejas estão inseridas. «Sempre que se estabelece uma igreja, seus membros devem fazer uma obra fiel pelos crentes necessitados. Não se devem, porém, deter aí. Devem também ajudar outros, independentemente da sua fé» (*Testemunhos Selectos*, vol. II, p. 508). Como no antigo Israel, a fome, a doença, a falta de casa e os males sociais que frequentemente levam à pobreza não fazem parte da vontade de Deus para com o Seu povo. O Israel de hoje, tal como o de então, tem obrigação de partilhar as bênçãos que recebe.

Sempre teremos connosco os pobres e isto para teste do nosso carácter a ver se possuímos ou não a virtude da caridade. É que as bênçãos que o Senhor promete àqueles que Lhe obedecem aumentam inevitavelmente o

# ELLEN WHITE E A OBRA SOCIAL

O fervor com que Ellen White escreveu sobre as necessidades dos pobres espelha a mesma vereda que seguiram Isaías, Amós, Tiago, e outros profetas, que para elas também chamaram a atenção do povo de Deus. No livro *Beneficência Social*, encontramos referências a 13 livros do Velho Testamento e 19 do Novo, em 122 passagens das Escrituras, o que prova a sua compreensão bíblica a este respeito.

As razões que Ellen White apresenta para a existência da pobreza incluem doença, infelicidade, negligência, injustiça social, perseguição religiosa e, surpreendentemente, a von-



trutura da igreja. Observações como «Os reclamos de Deus devem ter precedência... Depois disto devem então os pobres e necessitados receber atenção» (Ibid., p. 277), são de facto apelos ao equilíbrio, lembrando que o dízimo é para fins ministeriais e que usar esses fundos, que já são restritos, para auxílio dos pobres traria, eventualmente, prejuízo à Organização.

Longe de separar o auxílio aos necessitados do trabalho de evangelização, Ellen White fala dos dois como sendo um só e o mesmo. Para ela, a essência do Evangelho é a restauração humana e a obra do Evangelho inclui partilhar tanto os benefícios temporais como os espirituais. Ela via neste trabalho, não apenas um dever pessoal, mas a nossa responsabilidade colectiva como povo.

«A obra de recolher o necessitado, o oprimido, o aflito, o que sofreu perdas, é justamente a obra que toda a igreja que crê na verdade para este tempo devia de há muito estar realizando. Cumpre-nos mostrar a terna simpatia do samaritano em acudir às necessidades físicas, alimentar o faminto, trazer para casa os pobres desterrados, buscando de Deus todo o dia a graça e a força que nos habilitem a chegar às profundezas da miséria humana, e ajudem aqueles que absolutamente não se podem ajudar a si mesmos» (*Testemunhos Selectos*, vol. II, p. 514).

Ao falar da nossa responsabilidade para com os pobres, Ellen White citava frequentemente Isafas 58, onde, juntamente com o texto que advoga os mandamentos e a reparação de roturas, ela apelava a que a igreja demonstrasse misericórdia, generosidade e a mais terna compaixão para com os que não têm lar nem pão. Este trabalho é apresentado como sendo o coração do evangelho, a base das mais escolhidas bênçãos, não só para os destinatários desse auxílio, mas igualmente para os que o praticam.

Calvin B. Rock é vice-presidente da Conferência Geral.



MÁRIO OCHOA

# ETIÓPIA

## A TRAGÉDIA DA FOME CRÔNICA

**T**insaye Haile (nome fictício, circunstância real) estava agachado no chão de terra batida, em frente da sua cabana, e pôs-se a observar os abutres que no céu cor de cobre, ora deslizavam, ora desciam a pique. A terra estava tão seca que a mais leve brisa era o suficiente para levantar uma fina poeira no pequeno pedaço de terreno que em tempos fora a sua horta.

Em Junho, no início da estação, tinha chovido o bastante para lançar a semente à terra e ter esperança de que a fome de três anos antes se não iria repetir. Os dois últimos anos não tinham sido maus em colheitas, mas a terra rendera apenas o suficiente para se viver e não o bastante para vender. Mas este ano ia ser diferente: Tinsaye ia poder alimentar a sua família e ter ainda algo para vender.

Porém, em Julho, as chuvas não voltaram. As folhas novas murcharam

e secaram. O milho estava agora acastanhado e encaracolado no chão, e o teff, um cereal que é o elemento principal da dieta regional, não sobrevivera. Agosto ainda trouxera alguma chuva, embora pouca, e Tinsaye voltara a semear, desta vez toda a semente que lhe restava depois da família ter sido obrigada a usar como alimento parte da semente da próxima colheita.

A última grande fome tinha morto a sua filhinha mais nova. Com três meses apenas, a bebé não sobrevivera a uma grave crise de diarreia e vômitos. Enfraquecida e desidratada por desnutrição, perdia peso diariamente. Tinsaye via que as forças a abandonavam pouco a pouco até que, finalmente, ela sucumbiu à difteria.

A pior fome da Etiópia teve lugar em 1984-1985 e afectou cerca de quatro milhões de pessoas. No ano de 1989 as previsões apontavam para sete milhões que haviam de sofrer de des-

nutrição ou morrerem de inanição, se tais estimativas se provassem corretas. Na região onde Tinsaye vive, ao Norte, calcula-se que 80% das colheitas estão já perdidas. Na parte Ocidental, essa perda será entre 40 a 60 por cento.

Para consumir a tragédia da fome, enxames de gafanhotos destruíram áreas enormes de vegetação em 1989.

Tal como outros camponeses, Tinsaye tomou a decisão de vender a sua única vaca e 5 cabras. Era uma medida desesperada, mas não havia outra maneira de arranjar dinheiro para comprar comida para a família e para os próprios animais. Porém, quando Tinsaye chegou ao mercado, descobriu que todos os outros camponeses da sua região estavam também a tentar vender o seu gado. Por fim, quando conseguiu achar um comprador, tudo quanto conseguiu obter foi o equivalente a 7 contos, o que nem sequer chegou para comprar um saco de teff.

No momento em que, sentado à sua porta, olhava os abutres, Tinsaye bem sabia o que se encontrava um pouco mais adiante. Na semana anterior fora obrigado a matar a sua última cabra e até a vender a sua enxada. Naquele dia, tudo quanto restava eram uns ossos que ele ia cozer. E depois? Não lhe saía da cabeça a lembrança da fome de três anos antes, quando enviara a família a um depósito de alimentos, onde alguns estrangeiros lhes tinham dado sacos de milho e arroz. Mais tarde, quando já tinham recuperado as forças, esses mesmos estrangeiros vieram à sua aldeia, deram-lhes sementes e ensinaram-lhes melhores técnicas de cultivo do solo. Onde estariam agora esses estrangeiros? Não estavam ali e nem tão-pouco havia alimentos para serem distribuídos.

Uma fome crónica como a de Tinsaye é uma coisa difícil de vencer. O problema exige soluções mais complexas do que uma simples distribuição de alimentos, por mais essencial que estes sejam. A fome de Tinsaye é complexa porque ele quase não tem meios de a superar. Perdeu o seu gado, não tem sementes e não tem ins-

trumentos de lavoura para amanho a terra.

Se ele não receber auxílio imediato, nada mais lhe resta senão emigrar para a cidade, em busca de trabalho. Mas nas cidades, há milhares como ele, famintos, desesperados, debilitados e com bem pouco para oferecer a quem, eventualmente, lhes quisesse dar emprego.

O permanente estado de fome em que vivem torna-os física e mentalmente incapazes de se manterem num emprego produtivo. Impotente para quebrar este círculo vicioso, Tinsaye e todos os que vivem naquelas tristes condições estão condenados a empregos subalternos e instáveis, a trabalhos que exigem muito do físico e são mal pagos. A milhares que não podem trabalhar, ou que não conseguem trabalhar, só lhes resta pedir esmola.

Os famintos deste mundo não têm voz nem poder. São desprezados, calcados, ignorados. Apanhados no choque de ideologias políticas que se guerreiam entre si, nada mais podem fazer senão olhar e ver como o precioso alimento é frequentemente destruído quando as guerrilhas em luta fazem emboscadas aos camiões que o transportam.

Quando se acaba a comida numa região, milhares de refugiados, de gente doente e enfraquecida, vêm-se obrigados a percorrer centenas de quilómetros com as forças que lhes dá o simples boato de que em determinado sítio podem obter comida.

Tinsaye encontrava-se sozinho. Enviara a família com alguns vizinhos em busca de uma estação alimentar, bem longe, no Norte.

Tudo quanto podia fazer era esperar. Esperar que esses estrangeiros estivessem de facto em algum lugar, com os seus sacos de alimentos, com remédios, e com a vontade de voltar a ajudá-lo a semear a sua terra. E a esperança teimava em fazer-lhe crer que ele e a família haveriam de sobreviver mais um ano.

---

*Mário Ochoa, chileno, é vice-presidente executivo da ADRA-Internacional.*

A maioria dos pobres do globo vive no que agora se chama «o quarto mundo» — isto é, nas grandes cidades. A ideia que se tem dos pobres, quando se lê um artigo ou se vê um documentário televisivo sobre o sofrimento na Etiópia, no Bangladesh, na Guatemala ou nos Apalaches, é que se trata geralmente de gente rural, que vive em ambientes primitivos. No entanto, a realidade é bem diferente: a grande maioria dos famintos vive à sombra da moderna tecnologia e urbanização.

As cidades são, desde há muito, uma característica do Mundo Industrializado, o «Primeiro Mundo». Na última década «a urbanização foi confrontada com a maior migração da história», 400 milhões de naturais dos países em desenvolvimento desaguarão nos centros urbanos.»<sup>1</sup> Por volta do ano 2.000, a maioria da população da terra habitará em grandes cidades.

As pessoas acorrem às cidades, mas estas estão mal equipadas para receber tanta população. As estradas são insuficientes, os esgotos estão no limite da sua capacidade, e habitação para os pobres não existe, simplesmente. Estas condições são ainda agravadas pela falta de água, pela escassez de alimentos, pelo enorme desemprego, e por uma situação em que o crime não cessa de aumentar. A despeito destes problemas, as cidades do Terceiro Mundo oferecem um pouco de esperança aos pobres das zonas rurais e por isso, eles continuam a inundá-las.

Muitos têm a impressão de que seria fácil acabar com a fome e a pobreza nas grandes cidades da América e da Europa, e dizem até que falar de pobreza em relação a elas é um exagero perpetrado pelos meios de comunicação. O problema parece bem distante. Custa-nos a aceitar a existência da fome entre nós pela simples razão de que a não vemos. A nossa rotina diária mantém-nos longe da fome e da pobreza. Estamos condicionados a não reagir às crises que a comunicação social nos apresenta todos os dias.

Um grupo de jovens adultos de uma igreja cristã contou-me que tinham apresentado ao seu pastor um plano para alimentar alguns famintos na sua cidade e que este se opusera a esse plano, declarando que na comunidade não havia pobres nem famintos. (Não sejam severos com ele: se tivessem visto a comunidade, a maioria de vós teria tido a mesma impressão.) Todavia, o pastor concordou em ir com eles dar uma volta pela cidade. O resultado foi ele ficar chocado ao ver famílias a remexerem em caixotes do lixo à procura de restos de comida. A experiência levou-o a empenhar-se profundamente na realização do tal plano de alimentação.

Alguns membros das nossas igrejas também sabem o que é a fome e a pobreza. Sentam-se perto de nós; levantam-se e cantam mesmo ao nosso lado; ajoelham-se e oram bem junto de

mos algumas pessoas, elas terão de tornar-se membros da nossa igreja. Qual é a nossa motivação? Que é que nos leva a agir?

A fome é um facto real nas grandes cidades e não podemos ignorá-la. Que se passa com as minorias raciais e os emigrados, muitos dos quais vivem em barracas, nas periferias das cidades? De Norte a Sul, de Leste a Oeste, na Europa e América — e não só em África ou na Ásia — nos grandes centros urbanos, a fome e a pobreza

dão-se as mãos para tentar roubar a Cristo potenciais membros para o Seu Reino. Mas a fome e a pobreza não têm fatalmente que existir. Nós possuímos recursos para lhes dar remédio. Parece que nos falta apenas o empenhamento, a entrega à acção.

«Foram precisos dez anos, 20 000 empreiteiros, 300 000 técnicos e 24 biliões de dólares para colocar um homem na lua.»<sup>2</sup> Para que fim existem os nossos recursos?

Os cristãos foram chamados para seguir a Cristo, a irem onde Ele iria. Ele sempre foi onde uma necessidade se fazia sentir. O mesmo devemos nós fazer.

«Se os homens fossem hoje em dia simples nos seus hábitos, vivendo de harmonia com as leis da Natureza, como faziam Adão e Eva no princípio, haveria abundante provisão para as necessidades da família humana.»<sup>3</sup>



# CIDADES, O QUARTO MUNDO

nós. Mas eles receiam expôr as suas necessidades; têm medo de perder a sua dignidade humana. Um verdadeiro sentimento de compaixão cristã ajudar-nos-ia a criar nas nossas comunidades uma atmosfera na qual tais máscaras pudessem ser retiradas em segurança. Uma igreja que demonstre interesse pelos problemas individuais e sociais tem de saltar para o campo de acção. Não mais nos podemos dar ao luxo de pensar que podemos ajudar uma família de tempos a tempos, ou de pensar que se ajudar-

## Referências:

1. David B. Barrett, *World-class Cities and World Evangelization*, Birmingham, Ala., New Hope, 1986, p. 45.
2. Loretta Schwartz-Nobel, *Starving in the Shadow of Plenty*, N. Iorque, G.P. Putman's Sons, 1981, p. 210.
3. E. G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, Publicadora Atlântico, Lisboa, ed. de bolso, p. 350.

*Ivan Leigh Warden é pastor da igreja de Bereia, em Los Angeles.*

# O QUE É QUE A IGREJA ESTÁ FAZENDO EM RELAÇÃO À POBREZA?

As nossas duas organizações humanitárias ajudam todos os anos milhões de pessoas

Com tanta gente apanhada nas malhas da pobreza, ou vítima de cataclismos naturais, que dia a dia lutam por um pouco de comida ou por um simples abrigo para pernoitar, poderá a Igreja Adventista do Sétimo Dia ter esperança de minorar tais carências?

Certamente.

De verdade?

Sim!

Todos os anos a Igreja Adventista ajuda milhões de vítimas da fome, da pobreza e de cataclismos. Até meados do ano de 1989, a Igreja ajudou mais de 10 milhões de pessoas, através das duas organizações humanitárias que possui — a *Adventist Community Services* [Centros Adventistas de Assistência às Comunidades], e a *Adventist Development and Relief Agency* [Organização Adventista para Auxílio e Desenvolvimento] (ADRA).

Desejamos apresentar alguns exemplos do trabalho que a Igreja está realizando à escala mundial.

No Estado de Indiana, Estados Unidos, quando uma mãe solteira e pobre tem um bebé, este sai da maternidade com um enxoval completo, bem fornecido e agasalhado, e isso em virtude de um plano posto em acção pelo Centro Adventista de Assistência à Comunidade.

Na Bolívia, os camponeses estão conseguindo triplicar as suas colheitas, porque têm recebido gratuitamente sementes, fertilizantes, pesticidas e assistência técnica fornecidos pela ADRA.

Na Tailândia, os aldeões pobres que vivem em áreas onde não existe assistência médica apropriada estão recebendo graciosamente cuidados médicos, e isso porque médicos e dentistas adventistas trabalham num clínica móvel que lhes é proporcionada pela ADRA.

Na Geórgia, muitas pessoas sem lar recebem todas as noites abrigo e refeições quentes graças a um abrigo instalado numa igreja adventista.



Em Ciudad Guzmán, no México, há 40 famílias que vivem em casas novas, construídas pela ADRA e por voluntários adventistas da América do Norte que ali se deslocaram quando do terremoto que destruiu 80% das casas da cidade.

A lista dos auxílios providenciados pela Igreja é uma lista infinita, como infinita é também a lista das carências. É verdade que a Igreja Adventista do Sétimo Dia não pode alimentar, abrigar, recolher ou ensinar todos aqueles que no nosso mundo morrem de fome ou perderam todos os seus haveres, mas mesmo com os seus limitados recursos, *po-de ajudar. E ajuda.*

Do Alasca ao Sudão, da Geórgia ao Chile, os Adventistas enviam carregamento após carregamento com roupas, alimentos, remédios, equipamento para a perfuração de poços, materiais de construção, tendas e ferramentas, e despendem horas e horas em treino de socorro médico, de auto-suficiência, de técnicas agrárias que permitam às populações, a que depois são transmitidas, um melhor aproveitamento dos solos.

Isto para mencionar apenas algumas das centenas de serviços diferentes que a Igreja proporciona em casos de emergência ou necessidade.

As organizações humanitárias da Igreja Adventista constituem dois organismos completamente distintos um do outro, embora trabalhem em íntima ligação. Os Centros de Assistência à Comunidade operam através das Uniões e igrejas locais e em todo o mundo existem 10 000 destas unidades.

A Organização Adventista para Auxílio e Desenvolvimento, a ADRA, trabalha em 70 países do mundo. Tanto uma organização como a outra têm a sua sede na Conferência Geral, com escritório em Washington. O Departamento dos Ministérios da Igreja da União é geralmente o responsável pela organização dos Centros de Assistência à Comunidade da mesma União. [Na União Portuguesa, o responsável por este sector é o pastor José Carlos Costa, que é também o director do Departamento dos Ministérios da Igreja.]

## América do Norte

Na América do Norte existem 550 centros locais da assistência à comunidade, operados por voluntários da Igreja, os quais prestam anualmente assistência a perto de três milhões de pessoas. Cada centro implementa programas de assistência individualizada em resposta às necessidades da comunidade local. A maior parte dos projectos incluem um ou mais dos seguintes tipos de auxílio: distribuição de roupas, de alimentos, auxílio em caso de cataclismos naturais e assistência familiar. Eis alguns exemplos do trabalho realizado.

Em 1987, os voluntários dos centros adventistas de assistência à comunidade gastaram cerca de 4 milhões de horas em auxílio aos necessitados. Isso equivale ao trabalho de mais de 1900 pessoas que trabalhassem a tempo inteiro.

**Roupa.** Os centros solicitam, recolhem, lavam, cosem, ordenam e distribuem roupa de cama e de vestir, usada. No ano de 1988 foram dadas, entre roupa de cama e vestuário, quase 9 milhões de peças.

Nos Estados Unidos, a Organização Federal de Emergência e a Cruz Vermelha Americana designaram os Centros Adventistas de Assistência às Comunidades como sendo o principal organismo a ser capaz de, em caso de cataclismos, conseguir receber e distribuir todo o vestuário, roupa de cama, mobiliário e outros artigos doados.

Aquando do influxo de refugiados vietnamitas, os centros adventistas foram chamados a distribuir roupa a todos os refugiados que nessa altura eram mais de 80 000. E quando em 1980, 100 000 refugiados cubanos chegaram de barco aos Estados Unidos, de novo os nossos centros foram designados para distribuir todo o vestuário doado — desta vez vestuário novo providenciado pelo Governo. Os voluntários adventistas de Indiantown Gap, na Pensilvânia, onde existe um grande centro de processamento destes serviços, trabalharam durante 28 dias, dia e noite, organizando e instalando um centro social em velhas instalações do exército e ali distribuíram roupa a 20 000 refugiados abrigados ali perto.

Os excedentes do vestuário e roupa de cama dos centros são devidamente embalados e enviados para os depósitos da ADRA noutras localidades, onde aguardarão o momento de seguir para outros lugares onde uma emergência se faça sentir. Em 1987, os centros enviaram 1 251 toneladas de roupa para os depósitos da ADRA. Esta é precisamente uma das maneiras de colaborarem directamente com a ADRA.

**Distribuição de Alimentos.** À medida que, economicamente, os tempos se tornam cada vez mais difíceis, muita gente, mesmo na América do Norte, tem dificuldade em comprar comida suficiente para si e os seus. Os Centros de Assistência à Comunidade têm sido chamados a envolver-se mais e mais nesse auxílio, criando «Bancos de Comida» e operando as chamadas «Despensas dos Pobres». Em quase todos os centros existe agora uma «despensa» que dá cerca de três dias de géneros de mercearia a famílias em necessidade imediata de alimento.

Há alguns anos, quando começaram

a surgir esses pedidos, o director do centro de Halifax, que era Mel Boutilier, reuniu-se com os oficiais da igreja e juntos organizaram um «Banco de Comida». A ideia espalhou-se e hoje o Banco de Comida do Metro distribui mensalmente toneladas de alimentos. O centro está aberto três dias por semana e dá comida e roupa a cerca de 50 pessoas diariamente.

Em Werwoka, no Oklahoma, Judy Stockton e outros voluntários adventistas oferecem graciosamente, todas as segundas-feiras à noite, refeições quentes ao público. E muitos são os que delas aproveitam!

O centro adventista de Crestline, no Ohio, é o distribuidor oficialmente nomeado pelo Programa Estatal de Alimentação em Caso de Emergência. Centenas de famílias são mensalmente servidas por três voluntários adventistas. Há dois anos, o edifício do centro foi designado para demolição em virtude de um projecto de desenvolvimento da edilidade, mas o presidente e vogais da câmara acharam o seu trabalho tão importante que eles mesmos nos cederam um outro edifício, bem localizado, e por um preço que nos permitiu a sua aquisição.

Em Nova Iorque existe um trabalho especial que é feito em rouletes. A princípio essas rouletes destinavam-se à distribuição de alimentos e projecção de programas sobre saúde. O programa está hoje alimentando 2 000 pessoas por semana. Em Nova Iorque. Num domingo, ainda não há muito tempo, seis voluntários foram com Walter Isensee, um dos condutores de rouletes, a um abrigo não muito distante da nossa igreja, onde havia um grupo de refugiados. Levaram roupas e sandes, mas não estavam preparados para a multidão que começou a surgir de todos os lados do abrigo, pedindo para ser atendida. Em cerca de 40 minutos conseguiram servir mais de 300 pessoas.

**Auxílio em Caso de Cataclismo.** Onde quer que surja uma emergência ou um cataclismo, os centros de assistência à comunidade entram imediatamente em acção, fornecendo géneros de primeira necessidade: comida, quase sempre quente, roupas (sobretudo de agasalho), cobertores e tendas, ajudando em trabalhos de limpeza, remoção de escombros, organizando serviço de refeições e alojamentos.

Quando um tornado atingiu o Texas, destruindo uma grande área residencial

habitada por hispânicos, a única estrutura de sobrevivência com que de imediato puderam contar foi a igreja adventista, que se tornou a sede do auxílio social. Os adventistas das redondezas, e até estudantes universitários de mais longe, deslocaram-se à região e ajudaram nas operações de limpeza e remoção de escombros, bem como na distribuição de comida, de roupas de cama e de agasalhos e tomaram 125 pessoas a seu cargo até a situação se normalizar. Quando os telhados e paredes de Whittier, na Califórnia<sup>1</sup>, ruíram, em virtude do forte abalo de terra de Outubro de 1987, a Cruz Vermelha telefonou a Dan Robles, director da Assistência Adventista à Comunidade da Conferência do Sul da Califórnia e pediu-lhe para se ocupar do fornecimento de comida a toda a polícia, bombeiros e outros trabalhadores camarários a trabalhar na restauração do centro da cidade. Duas horas e meia depois deste contacto telefónico, já se tinha recrutado um grupo de voluntários e já estes estavam a preparar um almoço na cozinha móvel que a própria Cruz Vermelha colocara à sua disposição. Durante quatro dias, os voluntários adventistas prepararam e serviram refeições desde 6h30 da manhã até às 9h30 da noite.

A história seria longa e tratando-se de intervenções feitas nos Estados Unidos, elas servem tão-somente para dar uma ideia do que pode ser feito, e se faz, em caso de emergência. Mas não só na América existe o Serviço de Assistência Adventista à Comunidade. Pouco a pouco ele está sendo organizado em quase todas as uniões e associações e muitas são já as igrejas que exercem uma influência auxiliadora na comunidade em que estão inseridas. Em casos de inundações, tremores de terra, incêndios, influxo de refugiados, etc., a Igreja está pronta a agir e a dar a sua colaboração. Quando as instalações o permitem, a própria igreja se torna o centro primeiro de socorro e acolhimento.

**Assistência à Família.** Em anos recentes, foram organizadas toda uma série de actividades com o objectivo de beneficiar as comunidades onde existem igrejas, pois a Assistência Adventista tomou consciência do vasto alcance da sua missão como um todo evangélico. Isto é outra maneira de dizer que a ideia simplista de dar roupas e alimentos é como colocar uma ligadura num doente que precisa que lhe seja feito um diagnóstico.

co completo e um tratamento adequado. Hoje, muitos Centros de Assistência Adventista à Comunidade ministram aulas de culinária, cursos de corte e costura, de tratamentos caseiros, dactilografia, inglês, (ou outra língua), contabilidade e patrocinam ainda Seminários de aconselhamento aos pais, de controlo de peso, *stress*, primeiros socorros, planos de 5 dias, etc. etc.

Há tanta coisa que se faz e pode ser feita! Estes dados — apenas alguns — têm como objectivo, não só mostrar o que a Igreja está fazendo, mas oferecer também pistas de actividades ao alcance das igrejas, e que, sem dúvida, beneficiarão as comunidades e nos permitirão viver o Cristianismo em toda a sua plenitude: ensinar, curar e pregar.

Uma palavra ainda sobre as actividades de alguns centros em relação aos refugiados: Algumas igrejas, onde há grande número de refugiados, além da assistência material, organizam também serviços de assistência legal para ajudar os imigrantes a legalizar a sua situação ou a arranjar emprego, e isto em muitos países do mundo.

## ADRA-Internacional

A ADRA, a organização legal adventista para auxílio e desenvolvimento em casos de emergência ou a países em vias de desenvolvimento, está estabelecida em 70 países, mas está preparada para providenciar rápido auxílio e assistência em caso de emergência a mais de 190 países.

A ADRA dedica-se especialmente a projectos de auxílio, não só imediato, mas a longo prazo, que permitam as populações menos favorecidas sobreviverem e melhorarem o seu nível de vida, centralizando a sua assistência nas seguintes áreas:

1. Resposta a necessidades humanas
2. Trabalho em favor de mães e crianças
3. Melhorar as práticas agrícolas



4. Desenvolver melhores recursos para a obtenção de água

5. Treinar as populações de modo a serem auto-suficientes

6. Proporcionar e patrocinar programas de bem-estar

7. Construir e equipar instituições e comunidades.

**1. Resposta a Necessidades Humanas.** Ir ao encontro das necessidades daqueles que são vítimas de desastres, naturais ou provocados pela mão do homem, é o mais antigo campo de acção da ADRA, que solicita, transporta e distribui alimento, roupa, cobertores, tendas para abrigo temporário e auxílio médico e medicamentoso em todo o mundo.

Porém, a ADRA não termina aí o seu auxílio. Procura levar a efeito planos que ajudem as comunidades e os indivíduos a reganhar o seu equilíbrio de vida. Constroi casas, cria centros de armazenagem de alimentos para os proteger em casos de fomes futuras, proporcionando-lhes também assistência médica a longo prazo.

Quando chuvas torrenciais devastaram 9 000 casas e deixaram sem abrigo 130 000 pessoas no centro e sul do Chile, a ADRA respondeu. Quando o vulcão Nevado del Ruiz entrou em erupção na Colômbia, matando mais de 22 000 pessoas, o socorro de emergência da ADRA foi imediato: dois aviões carregados dirigiram-se pouco depois

para a área devastada e ali se levantaram 300 tendas e distribuíram 3000 cobertores a 2000 pessoas. Os voluntários da ADRA, juntamente com pessoal do exército tomaram a seu cargo alimentar cerca de 1000 pessoas durante uma semana. E hoje, são 40 as novas famílias que vivem em casas construídas pela ADRA.

Quando teve lugar o terramoto de Ciudad Guzmán, no México, 300 voluntários adventistas locais integraram equipas da ADRA para procurarem gente sob os escombros e durante 18 dias ajudaram nos trabalhos de salvamento e remoção de escom-

bro. Na própria cidade do México, aviões da Força Aérea americana transportaram 3000 cobertores enviados pela ADRA, bem como alimentos de primeira necessidade e pouco depois as equipas da ADRA começaram a sua distribuição de alimentos a 5000 pessoas das duas áreas mais atingidas pelo terramoto. Logo a seguir foram enviadas 45 toneladas de medicamentos, tendas, mais cobertores e roupa num valor superior a 240 mil contos.

Ainda em 1988, as inundações de Rio Branco, no Brasil, afectaram perto de 12 000 pessoas e também naquela circunstância, mais de 2400 voluntários — entre os quais se encontravam médicos e enfermeiros e também muitos Desbravadores — ajudaram a proporcionar auxílio médico e a distribuir artigos de primeira necessidade.

**2. Trabalho em Favor de Mães e Crianças.** Através do seu fundo de auxílio para casos especiais, a ADRA está activamente envolvida em programas de desenvolvimento que ajudem a melhorar a qualidade de vida em áreas particularmente atingidas pela pobreza.

No centro do trabalho de auxílio ao desenvolvimento proporcionado pela ADRA estão programas para ajudar as mães e ajudá-las a cuidarem adequadamente dos seus filhos:

- Assistência no crescimento
- Terapêutica oral de hidratação

- Encorajamento e informação quanto à amamentação

- Vacinas e imunização

- Suplementos alimentares para mulheres grávidas ou que amamentam e para crianças em idade pré-escolar

- Ensino aos pais sobre nutrição, higiene, e cuidados a ter com as crianças.

No Malawi, crianças pequenas e mulheres grávidas estão a receber uma elevada dose de cápsulas de vitamina A — vitamina essencial na luta contra a infecção e prevenção da cegueira. A distribuição é feita através do Hospital Adventista do Malawi e espera-se assim reduzir a mortalidade infantil, cuja taxa é das mais elevadas do mundo.

**3. Desenvolver Melhores Práticas Agrícolas das Famílias e Comunidades.** Reconhecendo que uma grande percentagem dos pobres deste mundo são trabalhadores rurais com uma agrícola de subsistência, a ADRA considera que as soluções que podem a longo prazo ajudar o problema da fome consistem, precisamente, em ensinar-lhes melhores técnicas agrícolas de forma a duplicar ou mesmo triplicar as colheitas habituais.

É o que está acontecendo no norte do Ghana, no Zimbabué, na Etiópia, no Peru e até em Moçambique. São vários os programas de ensino agrícola, com fornecimento de sementes e encorajamento a começar pequenas lavras familiares para provimento das famílias e comunidades. O programa já está a dar resultados.

**4. Desenvolver Melhores Recursos para a Obtenção de Água.** Obter água potável, pura, é um elemento importantíssimo na luta da ADRA contra a pobreza, a fome e a doença. Água fresca e pura significa menos doença, aumento da produção de cereais, melhor nutrição e maior auto-suficiência.

A ADRA financia o desenvolvimento de poços de água, reservatórios, sistemas de irrigação, projectos de água potável em todo o mundo.

Na Tanzânia, um simples poço que se ajude abrir significa que muitos aldeões deixarão de ser obrigados a andar vários quilómetros, às vezes um dia inteiro, em busca de água. O que resulta em mais tempo para a lavoura, para o artesanato ou simplesmente para estar com a família. Para alguns ter água perto de casa significa mesmo poder ter uma pro-



dução contínua de legumes e frutos. Quando se abre um furo de água, conta Dwight Taylor, director da ADRA-Peru, é uma festa para os habitantes da povoação, que durante dois dias não cessam de agradecer à ADRA. As crianças batem palmas, molham-se e brincam nas poças de água que se formam junto ao furo.

**5. Treinar as Populações de Modo a Serem Auto-suficientes.** A ADRA patrocina cursos, treinos e ensino nos mais diversos domínios, desde a plantação de árvores ao planeamento familiar, proporcionando assistência técnica a médicos, enfermeiros e outros trabalhadores da saúde da comunidade.

Na África Central, a actual taxa de deflorestação fará com que a maior parte daqueles países fiquem sem árvores dentro de duas décadas. É um problema gravíssimo, porque sem árvores não há abrigos, não há combustíveis e há maior erosão e mais fome. Para lutar contra esta situação, os obreiros da ADRA estão dirigindo seminários seguidos de sessões de plantação de árvores que a Organização fornece aos participantes. Na primeira destas sessões, que teve lugar na Universidade Adventista da África Oriental, no Quénia, assistiram 600 pessoas, a quem foram dadas árvores para plantarem nas suas propriedades.

Na república do Mali, uma das actividades da ADRA é ensinar as tribos a aproveitarem a água que cai na estação das chuvas e a guardá-la em cisternas, para futura irrigação, salvando assim as suas colheitas.

**6. Proporcionar e Patrocinar Programas de Bem-estar.** A ADRA descobriu que o auxílio alimentar constitui um útil incentivo para as populações

realizarem algo que habitualmente não fazem. Por exemplo, as mães não conseguem muitas vezes assistir a classes ou levar os seus filhos à vacinação por causa que o tempo que perdem no centro as obriga a ficar longe dos seus outros deveres domésticos, por exemplo, as suas lavras, tão úteis à sobrevivência das famílias.

Os programas de alimentação para o trabalho patrocinados pela ADRA, ajudam a levar a efeito projectos comunitários, como, por exemplo, estradas, escolas, instalações sanitárias e centros comunitários.

**7. Construir e Equipar Instituições e Comunidades.** A ADRA está envolvida tanto em construir como em equipar clínicas, dispensários, hospitais, escolas primárias e secundárias, e ainda lanchas médicas que percorrem os rios prestando assistência a populações onde os cuidados médicos são inadequados ou inexistentes. A ADRA envia regularmente toneladas de medicamentos e suprimentos médicos, livros, mobília e outros artigos que são, eles mesmos, doados por governos, companhias, fundações ou até indivíduos, de todo o mundo.

O Hospital Adventista de Maluti, no Lesoto, é precisamente uma das muitas instituições que dependem dos donativos da ADRA quanto a suprimentos médicos. O hospital presta assistência médica e cuidados dentários a mais de 100 000 residentes nas áreas circunvizinhas.

#### Uma Missão de Auxílio

Tanto os Centros Adventistas de Assistência às Comunidades como a ADRA (organização adventista para auxílio e desenvolvimento), operando em todo o mundo, têm uma resoluta missão cristã de auxílio, sem discriminação de raça, credo religioso, sexo, ou outros factores, em favor dos pobres ou desprotegidos, dos necessitados ou daqueles cuja sobrevivência está em risco, procurando proporcionar-lhes desde já uma melhor qualidade de vida, e, possivelmente, a eternidade.

1) Artigo escrito em Maio de 1989, antes do terramoto de S. Francisco, por isso o não menciona.

Myron Widmer é redactor-adjunto da Adventist Review.



JOSÉ CARLOS COSTA

# POR AMOR AOS OUTROS

Perante as imagens da fome que diariamente nos são enviadas pela televisão e pela imprensa, e que são reveladoras de vidas sem esperança, de vidas marcadas para sempre pelo estigma da subnutrição, uma pergunta se impõe: Pode o crente, individualmente, ou a igreja como comunidade, ficar indiferente a esta situação?

Se sim, ponto final, não se fala mais no assunto. Mas se viver o Evangelho é ser solidário, é participar e partilhar, se viver o Evangelho é realmente fazer qualquer coisa pelos outros, então, surge outra pergunta: Que

temos nós feito em Portugal, ou que projectos temos?

## O Que Temos Feito

A nossa ajuda é sempre limitada e dizemo-lo com profunda tristeza. Os recursos são poucos, mas, de algum modo, temos participado e esta participação opera-se em três ou quatro vias:

1. **Dorcas.** Esta é a forma pela qual a Igreja, de um modo efectivo, procura estender a mão e distribuir géneros alimentares, roupas (lavadas, cosidas por irmãs Dorcas) e calçado.

Aqui ainda temos muito a fazer.

2. **Campanha das Missões.** São muitas dezenas de irmãos e jovens das nossas igrejas que cada ano dedicam alguns dias à venda da revista *ASA* e desta forma recolhem fundos. Grande parte desses fundos são enviados pelos canais da Igreja a nível mundial para auxiliar em casos de cataclismo, tais como: terramotos, vulcões, secas, guerras, etc., a fim de prestar assistência médica, alimentar, agrícola, pedagógica, etc.

A outra parte desses fundos destina-se a auxiliar os Lares de Vale Queimado e Pero Negro (Lares de 3.<sup>a</sup> Idade).

3. **Assistência Social Adventista.** Age em Portugal em vários domínios, mas todos com o mesmo objectivo. O primeiro desses objectivos é a clínica médica, que funciona em Casal de Cambra e desenvolve um trabalho de cuidados médicos, por muitos considerado notável. O outro objectivo são os Lares Para Pessoas Idosas que funcionam no Vale Queimado e em Pero Negro. Tanto a clínica como os lares são dirigidos por pessoas imbuídas de um sentido de amor ao próximo e da missão designada por Deus.

Há ainda um pequeno armazém, situado em Odiveelas, que tem a função de guardar material (essencialmente roupas), para algumas situações de emergência, o qual desejamos, naturalmente, que nunca funcione.

Sabemos que tudo isto é muito pouco, mas sempre que damos de comer a uma pessoa é menos uma que fica com fome.

Quando Jesus alimentou as 5.000 pessoas, sem dúvida que muitos outros milhares em Israel tinham fome, mas Ele alimentou os que estavam à mão. É tão-somente isto que procuramos fazer.

## Que Projectos Temos?

O projecto foi há já algum tempo apresentado às igrejas, tendo sido aceite em algumas com grande entusiasmo, e noutras, com menos, mas confiamos no Senhor em que virá no



dia em que igrejas e grupos o receberão com amor e entusiasmo. Em que consiste?

1. Formação de grupos de três irmãos/ãs jovens. Podem-se formar várias células de três em cada igreja.

2. É-lhes distribuído um local de trabalho.

3. Procede-se a um inquérito de porta-a-porta. O objectivo do inquérito é perguntar a quem nos atende se conhece na zona alguém com necessidades alimentares ou de roupas.

A segunda fase do inquérito é saber se a pessoa está disposta e se tem possibilidades de ajudar. Deixamos sacos de plástico apropriados, que são fornecidos pelo Departamento dos Ministérios da Igreja. (Foram preparados exclusivamente para este trabalho). Combinamos o dia em que poderemos voltar a passar para os recolher com aquilo que a pessoa ofertou. Não é aconselhável recolher qualquer oferta no primeiro dia. Recolhido algum material, podemos agir de dois modos diferentes.

a. Entregar em casa das pessoas necessitadas.

b. Fazer a entrega na nossa igreja. Para esse efeito, fazem-se os respectivos convites aos necessitados e também às pessoas que ofereceram. Naturalmente que a organização de um lanche seria uma excelente ideia.

Não podemos ajudar toda a gente, mas podemos ajudar alguns. Amar, é interessar-se pelo próximo, interessar-se é ser cristão, o que significa ser discípulo d'Aquele que deu e Se deu.

Há tanto a fazer. Podemos, como igreja é individualmente, decidir fazer alguma coisa. Quando as pessoas virem compaixão e amor nos membros da igreja, elas verão a face de Deus e compreenderão que o Evangelho não é só uma atitude social, mas é, sobretudo, um gesto de salvação.

*José Carlos Costa é departamental dos Ministérios da Igreja e responsável pela Obra Social na nossa União.*

# QUEM DISSE QUE AS DORCAS MORRERAM?

**Dorcas, Centros de Assistência à Comunidade e ADRA são três organismos distintos com um mesmo propósito: ajudar o próximo.**

Os Centros Adventistas de Assistência à Comunidade — ou a Assistência Social Adventista, como alguns lhe chamam — não são as Sociedades de Dorcas. Há muitas pessoas que pensam que os Centros Adventistas de Assistência à Comunidade [em inglês: Adventist Community Services] são um novo nome dado às Dorcas ou que estas, simplesmente, deixaram de existir.

Tal não é verdade. As Sociedades de Dorcas continuam a existir e os Centros de Assistência (ou de Auxílio — a terminologia não está definitivamente adoptada) são um outro organismo dentro da igreja, vocacionado para prestar determinados benefícios à comunidade e não só auxílio material: programas educacionais e de saúde, programas socio-religiosos, assistência às famílias e aos jovens, etc. etc. E incluem, como é óbvio, o auxílio a pessoas carenciadas ou que passem por situações de emergência e necessidade.

Por outro lado, as Dorcas são primariamente uma associação de senhoras que nas congregações locais trabalham sob coordenação geral do director do Centro de Auxílio à Comunidade, que é o director do departamento dos Ministérios da Igreja (antigo director missionário). As Dorcas possuem existência própria, têm uma direcção que trabalha em íntima ligação com o pastor e com o director dos Ministérios da igreja local. A sua acção é ajudar aqueles que têm carências materiais, tanto membros da igreja como outras pessoas cuja situação

venha ao conhecimento da igreja. É uma instituição local, preparada para intervir localmente, ajudando indivíduos e famílias que passem por momentos difíceis. Durante mais de 100 anos as irmãs Dorcas, como são geralmente conhecidas, têm tomado ao seu cargo ajudar semanalmente ou mensalmente, com géneros alimentícios, muitos lares de crentes e não-crentes, onde sabem haver necessidades. Funcionam também como intermediárias entre os que têm e os que não têm. Na igreja local, os crentes entregam muitas vezes roupas que já não usam. Estas dedicadas irmãs, a exemplo daquela outra Dorcas de que fala o livro dos Actos dos Apóstolos (9:36-41), arrajam, cosem e adaptam este vestuário para o oferecerem depois a outras pessoas. No passado, as sociedades de Dorcas, ou as irmãs Dorcas, compraram lã e pediram a várias irmãs para tricotarem agasalhos para os idosos, para prisioneiros e para órfãos. Hoje este método está de novo a ser seguido e muitas igrejas estão empenhadas em agasalhar utentes de lares de terceira idade. Algumas tricotam botinhas de lã para dormirem, outras capinhas de lã para os agasalhar. Há alguns anos, na igreja central de Lisboa, os jovens, em colaboração com as Dorcas, empenharam-se em arranjar dois enxovais para dois bebés gémeos nascidos na Maternidade Alfredo da Costa e cuja mãe não tinha recursos. Nessa altura juntaram-se mais de 30 casaquinhos de malha e não sei quantas botinhas...

Dorcas está bem viva. Continua a

ser muito útil nas nossas igrejas, onde existem muitos casos encobertos de necessidade. Continua a ser necessária na comunidade, onde a sua acção começa a ser notada e onde muito há a fazer. Um dos serviços a prestar à comunidade passa precisamente pelas Dorcas: distribuição de roupas e alimentos. Mas hoje a Igreja vê que a sua acção junto da comunidade pode e deve ir muito além deste auxílio específico. E assim foram criados os centros de assistência à comunidade. [Preferimos usar o termo «assistência», ou «auxílio», e não «serviço», como poderíamos ser tentados a traduzir literalmente o inglês *Adventist Community Services*, embora todas estas actividades em favor da mesma sejam, de facto, um serviço que se lhe presta.] Estes Centros estão a ser implementados em muitas igrejas onde as dimensões geográficas e carenciais das comunidades o justificam e onde as possibilidades da congregação ou congregações permitem a sua concretização.

O director dos Ministérios da Igreja da congregação local é o director do centro adventista de assistência à comunidade. E entre os benefícios a prestar-lhe incluem-se actividades do departamento de Temperança, de Evangelismo, de Dorcas, de Jovens, da Escola Sabatina, etc. O director dos Ministérios da Igreja da União [Pr. José Carlos Costa, na União Portuguesa] é o coordenador nacional dos Centros de Assistência à Comunidade.

Assim, quando surgem casos de cataclismos, naturais ou provocados, ou quaisquer emergências em determinada área do território nacional, a igreja local, não está geralmente em condições de intervir sozinha. Certas Uniões possuem centros regionais, mas normalmente é ao coordenador nacional que compete fazer os contactos e arranjos necessários, a nível nacional ou mesmo internacional, para pôr em marcha os socorros ou auxílios adequados. Para este efeito, existe então a ADRA Internacional, que tem secções em todas as Divisões. O responsável da ADRA Internacional, que tem secções em todas as Divisões. O

responsável da ADRA-Divisão Euro-africana é o Pr. Ulrich Frikart, que é, simultaneamente, o departamental dos Ministérios da Igreja na mesma Divisão.

A ADRA é uma sigla das seguintes palavras inglesas: *Adventist Development Agency*. E significa: Organização Adventista para Auxílio e Desenvolvimento. É um organismo oficial que permite à Igreja Adventista agir em casos de emergência em qualquer parte do mundo. [O artigo do ir. Myron Widmeyer, neste mesmo número da *RA*, é bastante informativo quanto às actividades que a ADRA tem em curso.]

Nos Estados Unidos, a Igreja Adventista tem um protocolo (contrato) com a Cruz Vermelha Americana e com a *Federal Emergency Management Agency* [Organização Federal para Acções em Caso de Emergência], no qual se estipula que em determinados casos de sinistros ou catástrofes a Igreja Adventista proporcionará, através da ADRA, determinados serviços e actividades.

Uma parte da Campanha das Missões (geralmente, cerca de 55%) reverte a favor de programas de auxílio e desenvolvimento ou a regiões desfavorecidas. A Igreja recebe também ofertas de particulares ou de colectas específicas que para este efeito são levantadas em todas as congregações. Deste modo, a Campanha das Missões, vindo do povo, volta ao povo em dons de amor e voluntariado, em auxílio e programas de desenvolvimento quando surgem grandes problemas no nosso mundo.

Temos assim três instituições diferentes consignadas ao bem do próximo, cada uma com funções específicas, dentro das suas possibilidades, mas todas fundamentadas no evangelho prático pelo qual um dia o Senhor haverá de julgar os Seus filhos. Oxalá Ele diga a cada um de nós: «Bem está, servo bom e fiel. Recebe agora a felicidade eterna que o teu Deus te preparou!»

# O QUE POSSO

## Uma Reflexão Prática

**1. Posso avaliar as minhas atitudes.** Quando falo de fome e pobreza, quais são as minhas motivações? Sinto-me culpado, com pena, ou tenho verdadeira preocupação por esse flagelo? Quando a fé cristã enforma todas as nossas atitudes, ela toca também as realidades concretas da vida, entre as quais se inclui a economia, e isso ajuda-nos a vencer a inércia e o comodismo.

**2. Posso assumir a responsabilidade das minhas acções.** É verdade que não está na minha mão poder modificar as políticas internacionais ou resolver os grandes problemas do mundo. Mas posso tomar a decisão de me certificar de que eu faço parte da solução e não do problema. A decisão constitui a base de toda a acção construtiva.

**3. Posso estar melhor informado.** Posso ler livros e revistas que apresentem os verdadeiros factos relativos à fome e pobreza e que os mostrem numa perspectiva cristã. Posso prestar atenção às notícias da imprensa e aos serviços de informação da televisão. E posso falar com pessoas responsáveis e conhecedoras desse assunto, as quais muitas vezes os apresentam em reuniões da igreja. O departamento de Actividades Missionárias da União (e das igrejas) possui informações a respeito do que se está fazendo e do que se pode fazer neste domínio.

**4. Posso discutir os meus pontos de vista com amigos, familiares, e colegas de trabalho.** Podemos aprender a expressar os nossos pontos de vista quando a ocasião se proporcionar, sem entrar em discussões controversas ou ofensivas e sem fazer coro com frases comuns egoístas. Podemos aprender a fazer perguntas reflectidas,

# FAZER?

a partilhar informações que porventura possuamos e a sugerir ideias alternativas.

**5. Posso agir, posso praticar qualquer acção que tenha por base os meus valores.** Posso oferecer uma, duas horas por semana para trabalho voluntário nas muitas acções que o departamento missionário da igreja tem em curso ou projecta realizar. De facto, posso até sugerir algumas destas actividades que a igreja local patrocina e supervisiona.

Nada me impede, também, de escrever ou contactar com pessoas em posição de ajudarem neste sentido, especialmente se eu estiver bem informado e tiver quaisquer propostas práticas para ajudar a minorar a fome no mundo, ou no meu bairro.

Posso, igualmente, interessar outros por estas questões: na conversação diária, nas classes da Escola Sabatina, nas reuniões de oração da igreja. Posso escrever uma *pequena notícia* intitulada «O que a nossa congregação está a fazer quanto ao problema da fome» e enviá-la ao departamento de Actividades Leigas da União, ou à *Revista Adventista*.

Posso oferecer o meu voluntariado, posso falar de gente dedicada e de organizações que na minha comunidade se interessam por estes problemas. E posso falar da minha igreja local, do seu empenhamento e oração para se minorar um pouco que seja o sofrimento do mundo.

Posso apoiar e promover as actividades dos Centros Adventistas de Auxílio à Comunidade, posso colaborar nas sociedades da beneficência Dorcas e na ADRA Internacional, que tantos programas de auxílio tem em curso neste momento.

**6. Posso procurar ver o mundo**

como Deus o vê. Que nos diz a Bíblia acerca dos sentimentos de Deus em relação aos pobres e famintos? Como vê Deus a luta pela subsistência de milhares de famílias, sem tecto e sem pão, e, por outro lado, a riqueza das nações, e os seus sistemas económicos? Toda a acção que não tiver apoio

nas Sagradas Escrituras e não for moldada em oração pode estar errada. Talvez que na nossa congregação haja gente que se interesse por estes problemas e estejam dispostos a debatê-los, a orar, a estudar e a trabalhar nesta direcção.

PARA OS MAIS NOVOS

## Leila decide ajudar

Leila só tem 5 anos, mas adora ver televisão e já tem os seus programas preferidos: os anúncios e os desenhos animados!

Os pais de Leila não gostam que ela olhe muito para a televisão e procuram mantê-la entretida com os seus brinquedos. Uma noite, ela estava precisamente a brincar, enquanto os pais viam um programa televisivo sobre a Etiópia. A menina parecia não prestar atenção às impressionantes cenas que apareciam na televisão. Mas, de repente, voltou-se para a mãe e perguntou:

— Mamã, mamã! Aqueles meninos vão morrer? Olha a cara deles!

— Têm cara de fome, respondeu a mãe. Eles têm muita fome e há muitos dias que não comem.

— Então, disse a menina, as mães deles não os obrigam a comer?

— Filhinha, as mães deles não têm comida para lhes dar. Não têm comida nem para elas nem para os filhos. Ali ninguém tem comida.

— Mas se não comerem, vão ficar doentes e morrem, sentenciou a pequenita.

— É verdade, Leila, muitos daqueles meninos, se calhar, até já morreram! Morreram de fome!

— Mas eu tenho comida. Vou dar comida a eles. E Leila levantou-se decidida, em direcção ao frigorífico. A mãe chamou-a:

— Ouve, minha filha. Há muita gente no mundo que tem fome. Há muitos meninos e meninas que se levantam de manhã e se deitam à noite sempre com fome. Mas nós não podemos mandar-lhes a comida que temos em casa. Nunca mais lá che-

garia. Eles estão muito longe, em África. Mas há uma coisa que nós podemos fazer: podemos mandar dinheiro para as organizações que compram comida e a transportam de barco ou de avião até essas terras distantes. É uma comida especial: leite em pó, ovos em pó, arroz, feijão. E mais coisas, como vitaminas, farinhas para bebés, etc. Nós só temos que mandar o dinheiro.

— Mas eu não tenho dinheiro...

— Se quiseres, tu podes, fazer qualquer coisa. Sabes como? Às vezes, tu comes gelados, comes chocolates e bolos. São coisas especiais que não são absolutamente necessárias. Se tu quiseres, em vez de comeres esses doces, que até fazem mal, nós podemos guardar o dinheiro que eles custam e mandá-lo para a ADRA, ou dá-lo às Dorcas. A ADRA é uma organização da igreja que se ocupa em ajudar os que têm fome e passam necessidades. Mas há outras organizações de auxílio aos necessitados. Qualquer pessoa, mesmo um menino ou menina pequena, tem as suas economias e pode ajudar. As Dorcas, na nossa igreja daqui, também ajudam os pobres.

— Mamã, disse Leila, agora já nunca mais como chocolates nem bolos. Só gelados. E com esse dinheiro a igreja vai comprar comida para os meninos da televisão!

A mãe sorriu. «Só gelados!» Mas era já um bom princípio. Leila estava disposta a «sacrificar-se» para que outros pudessem ter comida e sobreviver.

M. R. Baptista

# Ano Novo em Bucareste

## Relatório de viagem

**Sexta-feira, 22 de Dezembro de 1989.** A caminho de casa, ouço a notícia na rádio: o ditador Nicolau Ceacescu está em fuga, o exército juntou-se aos revoltosos, o conselho de salvação nacional tomou o poder na Roménia.

Durante todo o fim de semana e no Natal, sucedem-se na televisão imagens terríveis deste povo admirável e corajoso na sua luta contra a Securitate.

Pensamos constantemente nos nossos membros de igreja na Roménia. Como estarão eles? Que lhes acontecerá? Como ajudá-los?

**Domingo, 24 de Dezembro.** Primeiros contactos telefónicos para organizar o auxílio.

**Segunda-feira, dia de Natal.** Longa conversa telefónica com o Ir. Ludescher.

No dia seguinte, **26 de Dezembro**, o pastor E. Ludescher reúne um pequeno conselho para estudar a situação. Apesar dos nossos esforços, não conseguimos contacto telefónico

com Bucareste e os irmãos da União. Por essa razão foi decidido enviar à Roménia um representante da Divisão. A ideia unânime era que se impunha um gesto imediato de solidariedade e que além disso era necessário que alguém coordenasse localmente o auxílio enviado. Foram imediatamente colocados à disposição deste plano 100 000 francos suíços, do Fundo de Auxílio em casos de Catástrofe e a Áustria prontificou-se a realizar um primeiro envio de roupas, cobertores, géneros alimentícios e medicamentos. De toda a parte, as igrejas e os responsáveis começaram a manifestar o seu apoio e a oferecer ajuda.

**Quarta-feira, 27 de Dezembro.** As agências recebem a notícia: o aeroporto de Bucareste foi fechado por um período indeterminado. As forças da Securitate prosseguem os seus combates, simultaneamente cruéis e desesperados. Finalmente conseguimos fazer chegar uma mensagem à União Ro-



O Ir. Dumitrescu diante da TV romena.

mena via Embaixada da Suíça em Berna. O Ir. D. Popa, presidente da União, telefona a seguir para Berna. Apesar da interrupção dos voos, fica decidido que o autor destas linhas (U. Frikart) se desloque à Roménia a 28 de Dezembro. A minha viagem far-se-á de avião até Viena, e a seguir de comboio. A escala em solo austríaco vai permitir acertar os últimos pormenores com os responsáveis pelo socorro enviado. Ao mesmo tempo e em Berna, o Ir. Stöger fica encarregado de coordenar as acções que partem da Alemanha, Jugoslávia e Checoslováquia. Os camiões viajam com destino a Timisoara e Cluj.

**Sexta-feira, 29 de Dezembro, às 22 horas.** Após 40 horas de viagem, chego à estação de Bucareste. Neva. Reina um clima de alerta e estado de sítio. Não há qualquer transporte público. Finalmente encontro dois médicos franceses da organização «Terra dos Homens» que me levam no seu jeep até ao centro da cidade, dado que

estavam hospedados no Hotel Intercontinental. De lá um jovem guarda civil voluntário conduz-me através de ruas desertas — às vezes cruzadas pelos carros do exército — até um pequeno hotel. São 23 horas e continua a nevar. Procuo contactar telefonicamente com os irmãos da União e mesmo com o Ir. Ludescher. Não é possível. Por volta da meia noite há tiros feitos a partir do edifício em frente ao hotel. Apago a luz. Ouço os carros de combate que tomam posição na rua. Há gritos, ordens, que se perdem na escuridão. Penso nos nossos irmãos. Poderão eles reunir-se amanhã, dia de Sábado?

**Sábado, 30 de Dezembro.** A neve cobre o solo com uma camada de 15 a 20 cm. Por volta das 8 da manhã, consigo ligação com minha mulher que, por sua vez, telefona ao Ir. Ludescher. Às 9 horas, um jovem romeno concorda em me levar no seu Dadja à estrada do Labirinto, onde fica a igreja. Por duas vezes ficamos bloqueados na ne-



Encontro de U. Frikart com o Dr. Victor Ciobanu, Ministro da Saúde.

ve, mas conseguimos desenven-  
cilhar-nos e chegar. A Escola  
Sabatina vai começar. Que ale-  
gria! Que emoção! O templo es-  
tá repleto: 900 irmãos e irmãs  
estão presentes... e eu sinto-me  
«em casa»! Bem depressa os ir-  
mãos da União vêm ter comigo  
e põem-me a par dos aconteci-  
mentos. Apesar da gravidade da  
situação e do drama inerente  
aos acontecimentos, apenas for-  
ram mortos dois membros da  
igreja: um em Bucareste,  
aquando dos combates entre o  
exército e a Securitate, e o ou-  
tro em Craiova, abatido por um  
terrorista diante da sua casa.

É a primeira reunião da igre-  
ja depois da revolução. Apesar  
do perigo, da neve e do frio in-  
tenso, os membros estão todos,  
mas sem os filhos. Deixaram-  
nos na segurança dos seus la-  
res. Cabe-me transmitir-lhes as  
saudações da equipa da Divisão  
e de todas as nossas igrejas e  
assegurar-lhes a nossa solidarie-  
dade e apoio incondicionais. Às  
três horas continua a nevar. De-  
pois de uma hora a andar a pé,  
chego com o Ir. Dumitrescu,  
secretário da União, à igreja de  
Grant. Está lá o Ir. Popa e mais  
de 1000 membros que nos dão  
as boas-vindas. Há a tradicion-  
al troca de votos para o Ano  
Novo e no cartão que me é da-  
do encontra-se impressa a pro-  
messas de Isaías 55:12. Agrade-  
ço a Deus o cuidado que teve  
com os irmãos da Roménia.  
Eles vos saúdam e agradecem  
o vosso apoio.

Chegada a noite, reunimo-  
-nos nos escritórios da União  
para combinar quais as priori-  
dades de auxílio. As necessida-  
des são imensas, mas apesar de  
tudo, a grande preocupação dos  
nossos irmãos é: «Como será  
possível, na situação presente,  
cumprir melhor a ordem mis-  
sionária de Cristo e reforçar o  
nosso testemunho?» Maravilha-  
so espírito de consagração! For-  
ram tomadas certas decisões  
concretas: assim, a tiragem das  
«Lições da Escola Sabatina» que  
era de 1000 — número autori-  
zado pelo anterior governo pa-  
ra 60 000 membros! — pôde

ser aumentada para 30 000  
exemplares. A partir de agora,  
o domingo será dedicado à  
evangelização e a quarta-feira à  
reunião de oração. Antes do dia  
22 de Dezembro, era proibido  
às nossas igrejas terem qualquer  
actividade a não ser no dia de  
Sábado. Agora haverá também  
a possibilidade de formar pas-  
tores num Seminário nosso. Há  
já 20 estudantes inscritos. Está  
igualmente programada uma  
reedição de *Aos Pés de Cristo*,  
bem como a publicação do li-  
vro *Parábolas de Jesus*. 20 000  
exemplares de cada, o mais bre-  
ve possível.

Por volta das 11 horas, estou  
de volta ao hotel, não ser ter  
passado por diversos controlos  
da polícia e do exército. Ainda  
não parou de nevar. De vez em  
quando ouvem-se tiros. Um  
guarda explica-me que os ter-  
roristas matam pessoas no me-  
tro. O nosso desejo e voto é que  
o exército consiga controlar ra-  
pidamente a situação.

**Domingo, 31 de Dezembro.**  
Após um dia cheio de entrevis-  
tas e contactos, tomo o comboio  
da noite para Timisoara, junta-  
mente com os irmãos Dumitres-  
cu e Popescu. O comboio parte  
com grande atraso. Compramos  
jornais a crianças que os ven-  
dem no comboio. Os meus pen-  
samentos vão da minha família  
para as igrejas de Timisoara que  
vamos encontrar no dia seguin-  
te. Passa um grupo nos corre-  
dores e canta: «Olé, olé, olé,  
Ceaucescu nomma e!» (Já não  
há Ceaucescu!) Os seus rostos  
traduzem alegria. Trocam-se si-  
gnais de vitória.

**Segunda-feira, 1 de Janeiro.**  
Timisoara, 6h30 da manhã.  
Não há luzes, só nevoeiro, car-  
ros de combate, soldados. Van-  
mos a pé para o escritório da  
Associação, onde nos esperam  
os nossos irmãos. Que alegria  
é para eles a nossa visita! Sei  
então que as 8 toneladas de  
mercadorias que vieram da Ju-  
goslândia já chegaram. Os ir-  
mãos estão muito agradecidos.  
A visita à cidade, onde ocorre-  
ram os combates, é terrível.



Saudações das crianças da igreja de Bucareste.

Que drama! Que destruição!  
Um irmão que viveu esses  
acontecimentos misturado com  
os manifestantes conta-nos... A  
sua consolação? «Estamos li-  
vres! O novo ano vai ser me-  
lhor!» Peço ao Senhor que ou-  
ça as suas orações.

**Terça-feira, 2 de Janeiro.**  
Bucareste está calma. O exér-  
cito e a polícia dominam a si-  
tuação. O metro voltou a fun-  
cionar, mas há centenas de vo-  
luntários armados que contro-  
lam cada pessoa que passa e vá-  
rias vezes. Ontem à noite fiquei  
retido mais de uma hora num  
improvisado posto de polícia  
junto à Praça da Universidade.  
Procuramos desimpedir os  
acessos ao depósito da União  
para os camiões que vão chegar  
da Áustria.

**Quarta-feira, 3 de Janeiro.**  
Somos recebidos pelo Sr. Mi-  
nistro da Saúde. O seu testemu-  
nho sobre os hospitais da Ro-  
ménia é impressionante. Com  
lágrimas, ele agradece à Igreja  
Adventista do Sétimo Dia e à  
ADRA o seu auxílio presente e  
futuro. A partir de agora, os  
nossos irmãos da Roménia te-  
rão toda a liberdade para orga-  
nizar programas e seminários  
sobre saúde. O governo apro-  
va plenamente tais iniciativas  
por parte da nossa obra. Que  
mudança e que perspectivas pa-  
ra a Igreja!

**Quinta-feira, 4 de Janeiro.**  
Despeço-me dos nossos irmãos  
que me pedem para vos trans-  
mitir as suas saudações e agra-

decimentos. Sei que os não vão  
esquecer. Eles precisam de nós.

Quando lerem este relato de  
viagem, já algumas toneladas de  
víveres, medicamentos e agasa-  
lhos terão sido encaminhados  
para a Roménia. Nós vamos  
também ajudar os nossos ir-  
mãos com conselhos e frequen-  
tes visitas a fim de os ajudar a  
reorganizar e reestruturar as  
suas igrejas confrontadas com  
novas possibilidades e respon-  
sabilidades.

Prezados irmãos e irmãs: não  
queremos deixar de vos exprimir  
a nossa profunda gratidão  
pelos vossos sacrifícios em re-  
lação àqueles nossos que so-  
frem, pelo vosso auxílio e ora-  
ções em favor das igrejas e do  
povo da Roménia.

Ulrich Frikart, ADRA-Divisão  
Euro-Africana.

## CALENDÁRIO DA IGREJA

### Fevereiro

3. Evangelismo Bíblico
4. Congresso do Centro de Tições,  
Jovens e Desbravadores  
Encontro no Porto, de Dirigentes  
da Escola Sabatina
10. Congresso no Algarve, de Tições  
Jovens e Desbravadores
17. Leiria — Prémio Poesia
- 17-24. Semana da Família
- 19-23. Campanha de Colportagem  
em Almada
- 23-27. Acampamentos Regionais,  
Norte, Centro e Sul
- 26, 27. Curso de Reciclagem de  
Colportagem

## Angra do Heroísmo: 2 baptismos

Segundo notícias do ir. João do Amparo Mendes, tesoureiro da igreja de Angra do Heroísmo, esta congregação viveu momentos muito felizes no Sábado, dia 4 de Novembro último, tendo sido enriquecida com dois novos irmãos nesse dia baptizados: Maria Gabriela Silva e José Fagundes Rocha.

No mesmo dia houve também a apresentação de dois bebés, tendo ambas as cerimónias sido oficiadas pelo pastor Mário Cabral dos Santos, que ali se deslocou para esse efeito.

A igreja viveu esses momentos com muita alegria. Completamente cheia, membros e visitas totalizavam 50 presenças.

## Campanha de Colportagem em Viseu

De 22 a 27 de Outubro passado, realizou-se em Viseu mais uma campanha com as nossas revistas *Saúde e Lar* e *Nosso Amiguinho*. Foi uma experiência que animou todos os participantes e que permitiu aos dois colportores da área verem aumentado o seu número de assinantes.

Dirigiu esta campanha o adjunto da área, irmão Domingos Freixo. Colaboraram na acção os

colportores-evangelistas Rogério Santos, António Lima, Henrique Santos, João Ferreira e Américo Silva.

Os resultados finais foram positivos. Em apenas quatro dias, foi possível fazer 252 assinaturas: 112 de *Saúde e Lar*, e 140 de *Nosso Amiguinho*. — *Fernando Ferreira*, Departamental de Publicações

## Pela Cova da Beira...

E mais um ano aconteceu!

No Fundão, terra da boa fruta, mais um rosário de experiências ficou para trás, num 1989 em que a actividade da igreja conheceu alguns momentos agradáveis.

Se a vizinha Covilhã nos trouxe meses a fio a expressão dos pontículos de interesse que se vão sucedendo, isso deveu-se sobretudo a um aturado esquema de trabalho onde pontificou o conhecido Seminário sobre o Apocalipse.

Valeu a pena sabermos que a Mensagem encontra eco nalguns corações que, paulatina e firmemente, se vão abrindo. A batalha da decisão está agora a processar-se.

Quando o pretérito ano acusava uma certa velhice, resolvemos por bem fechá-lo com a entrega de um jovem. O João Miguel Catarino Ribeiro disse sim às águas baptismas a 30 de Dezembro, num Sábado cin-



zento, em que a pequenina mas harmoniosa e acolhedora congregação do Fundão recebeu no seu seio es-

te novo membro.

Fruto dum lar de crenças, o João Miguel encontra-se ligado ao Colégio de Oliveira do Douro, que de maneira tão coerente o acarinhou neste seu começo. As boas influências de companheiros cristãos a pro-

duzirem os sempre tão salutares efeitos!

A noite café, cálida e triste, mas aos nossos lábios aflorava um sorriso de agradecimento ao Senhor por tudo o que nos foi dado contemplar. — *Manuel Garrido*, pastor.

## Notícias da Igreja de Lisboa

Terminada a tradicional passividade do verão, a igreja de Lisboa reatou as suas actividades com um novo ímpeto durante o último trimestre do ano passado, para se lançar num programa agressivo no começo da década que nos projectará no ano 2000.

A palavra chave é TESTEMUNHAR, como sinónimo de EVANGELISMO.

### Trabalho Missionário

Além do trabalho pessoal de cada irmão e irmã no seio da sua família, no trabalho e no seu bairro, um grupo entre 30 a 40 crenças, liderados pelos participantes do grupo Maranata, fazem trabalho de porta-a-porta na zona de Campo de Ourique. Usando o método dos inquérutos, encontram-se pessoas interessadas no estudo da Bíblia. Espera-se ter em breve um número considerável de interessados naquela zona da cidade, a fim de ali realizar um Plano de Cinco Dias, Seminários sobre Nutrição e Saúde e sobre Daniel. É nosso propósito levar a mensagem às almas sinceras do bairro e ali abrir um novo lugar de culto.

### Operação «Portas Abertas»

Desejamos fazer da nossa igreja um centro de irradiação permanente da verdade. Queremos manter a igreja aberta o mais tempo possível, com programas de interesse para a comunidade. Desde Novembro de 1989 realiza-se cada mês, na igreja, um Plano de Cinco Dias Para Deixar de Fumar, com uma equipa simultânea para medição da tensão arterial. À medida que se ajuda as

peçoas nos seus problemas físicos, estamos formando um grupo de amigos, quebrando preconceitos e fazendo a Igreja impôr-se junto dos meios de comunicação social — jornais, rádio e televisão. A estratégia está dando os seus resultados. Comunicados e telex cuidadosamente preparados foram enviados para os responsáveis das secções de saúde dos jornais e rádios da Capital. Estes métodos profissionais abrem as portas e permitem mais facilmente a penetração. As reacções não se fizeram esperar: o aparecimento de algumas notícias e longos artigos em dois jornais de Lisboa parece ter provocado ciúmes. A TV do Porto telefonou para a igreja de Lisboa em 17 de Janeiro, pedindo que um representante nosso se deslocasse ao Porto, com todas as despesas pagas por eles, para dar uma entrevista no programa da manhã no dia 9 de Fevereiro. No dia seguinte, a TV de Lisboa deslocou-se à igreja de Lisboa para entrevistar os responsáveis do programa e os participantes do Plano de Cinco Dias em curso.

É nosso plano continuar com estas actividades comunitárias em Fevereiro e Março, de maneira a dispôr de uma «clientela» sem preconceitos e motivada para os Seminários sobre o Stress, Nutrição e Daniel. Estamos orando para que Deus faça prosperar esta programação que consiste em «ensinar, curar e pregar», praticada pelo Mestre.

### Actividades dos Jovens

Os jovens são uma mola real importantíssima em todas as ac-

tividades da igreja. Além das suas reuniões semanais, sábado à tarde e sexta-feira à noite; além da sua participação directa nas actividades regulares da igreja, realizaram uma festa de fim de ano, que foi um verdadeiro «Reveillon» adventista. Depois da reunião de Acção de Graças ao pôr-do-sol de 31 de Dezembro, as limitadas instalações dos jovens dificilmente puderam conter a nossa juventude num excelente programa de fim de ano, o qual se havia de desenrolar até às 2h00 da manhã de 1 de Janeiro. Aos jovens da igreja central juntaram-se outros jovens de Alvalade, General Roçadas, Odivelas e vários visitantes. Foi só de lamentar que muitos não puderam participar devido à falta de espaço. Começar o ano com Deus é a melhor garantia para prosseguir com Deus todo o ano, toda a vida.

É isso que está acontecendo. De 12 a 14 de Janeiro, cinquenta jovens participaram num enriquecedor retiro espiritual em Sesimbra. Daí resultou uma maior união entre uns e outros, e entre

Deus. Graças a estas actividades sociais e espirituais, vários jovens visitantes, e outros há vários anos afastados do convívio da igreja, estão participando e voltando.

### Baptismos

Como nota final deste feixe de notícias, é-nos grato mencionar que nove preciosas almas selaram o seu pacto com Deus numa edificante cerimónia baptismal durante a hora do culto do sábado 23 de Dezembro. Um novo grupo está frequentando a classe baptismal, aos sábados à tarde, com vista à próxima cerimónia baptismal no fim deste trimestre.

Aproveito este ensejo para agradecer, através das colunas da *Revista Adventista*, a colaboração e fidelidade nos dízimos e ofertas, dos membros, adultos e jovens, da igreja Central de Lisboa, o que prova o seu amor e dedicação a esta Causa, como desejo de que Jesus venha muito em breve e o Seu reino seja uma realidade para toda a eternidade. — *Joaquim Dias*, pastor da igreja central de Lisboa.

amigos, um exemplo de serviço e vida cristã que a todos nos motiva à fé, à comunhão com Deus e à reconciliação uns com os outros. Tendo sido uma das primeiras crentes europeias a aderir à fé adventista em Angola, ali serviu, juntamente com seu marido e filhos, como missionária por mais de 40 anos.

A simpatia e o cristianismo prático da nossa irmã Emília irradiava de maneira contagiante. Disso dava testemunho eloquente a presença, além de familiares e muitos irmãos na fé, grande número de vizinhos e amigos que tiveram o privilégio de conhecer e desfrutar da amizade da nossa querida irmã Emília Chaves.

Ao seu marido, pastor Vitorino Chaves, aos filhos e demais familiares, lembramos a manhã gloriosa da ressurreição e a certeza de que da nossa irmã Emília se pode dizer: «Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor ...para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam» — Apoc.

14:13 — *Joaquim Dias*, pastor da Igreja de Lisboa.

### João Chaparro

Logo após as alegrias da dedicação do novo Templo de Cascais, tivemos o terrível choque de saber que um dos irmãos mais entusiastas e envolvidos na construção, o irmão João Chaparro, sofreu de uma doença incurável.

Após vários meses de intenso sofrimento e luta contra a enfermidade, este nosso querido irmão descansou, finalmente, das suas lutas, no dia 1 de Janeiro deste ano. Tinha 34 anos incompletos.

À família enlutada desejamos expressar a nossa simpatia e carinho nesta hora de tristeza e separação. Em todos nós, membros de igreja e familiares, ficou a saudade e a esperança de um reencontro, em breve, na feliz manhã da ressurreição. — *Maria Augusta Lopes*.

## Aguardando a Ressurreição

Entre os vários falecimentos registados ultimamente na igreja Central de Lisboa, não podemos deixar de referir-nos ao do irmão José Graça e ao da irmã Emília Chaves.

### José Maria Graça

Sendo um dos membros mais antigos da igreja, o seu falecimento no dia 18 de Dezembro causou grande consternação, e deixou um vazio, não só na sua família, mas também no seio da igreja de Lisboa. A sua influência fez-se sentir em toda a vida da igreja e muito particularmente como líder e conselheiro dos jovens. Conforta-nos a certeza de que o nosso irmão José Graça morreu em comunhão com Deus

e certo da breve volta de Jesus.

A toda a família enlutada, com um pensamento muito particular para os filhos, pastor Eduardo Graça, Dra. Fernanda Graça e para a viúva, nossa querida irmã Laura Graça, deixamos uma palavra de consolação com a promessa de Jesus: «Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá». João 11:25.

### Emília Amélia Martins Chaves

Foi no dia 4 de Janeiro, após um considerável período de sofrimento, que a nossa irmã Emília Chaves faleceu. Deixou, além da saudade nos seus familiares e em grande número de irmãos e

## Lídia Maurício

### Agradecimento

Quando se soube que a irmã Lídia Maurício ia ser submetida a uma delicada intervenção cirúrgica ao cérebro, gerou-se em todas as nossas igrejas uma onda de simpatia e de oração de intercessão. Com efeito, muitos foram aqueles que, individualmente ou na igreja, oraram em seu favor.

Consciente do grande poder de tais orações que, diz, sentiu «realmente e por diversas vezes», pede-nos a irmã Lídia que transmitamos, através da

*Revista Adventista*, o seu agradecimento a todos os que por ela oraram. A sua operação correu bem, louvado seja o Senhor! Lídia encontra-se já em casa, e esperamos que em breve possa retomar as suas actividades ao lado do seu marido, pastor António Maurício.

«Foi uma experiência extraordinária», conta a nossa irmã. «O próprio médico disse que as coisas tinham corrido melhor do que ele esperava. Temos um Deus maravilhoso!»

E maravilhoso é também o poder de uma igreja que ora!

## Quelimane, Moçambique: Inauguração de uma nova igreja

A nova igreja de Quelimane desfruta de uma situação privilegiada, situada no centro de ruas muito frequentadas; a sua arquitectura equilibrada e a cor discreta das suas paredes exteriores causam boa impressão. A propriedade está rodeada por um muro. A capela é espaçosa e possui várias janelas que com as lâmpadas fluorescentes do tecto a inundam de luz límpida e agradável. Tem lugar para 750 pessoas sentadas. A tribuna inclui um baptistério, metido na parede de trás. O conjunto é de facto muito harmonioso.

Esta igreja foi construída graças ao auxílio dos membros da Escola Sabatina de todo o mundo, através da oferta do 13.º Sábado do 2.º trimestre de 1989. Contando com este dinheiro, a construção da igreja foi iniciada

mais cedo e a sua inauguração teve lugar a 22 de Abril do mesmo ano.

Foi um dia de festa, que começou às 8 horas da manhã. Ainda no exterior, o Dr. Herbert Stöger, que se encontrava de visita a Moçambique pronunciou uma alocução, após o que o pastor B. Mabote, então presidente da União, cortou uma fita e todos puderam entrar na nova igreja. No espaço de breves minutos, esta ficou completamente cheia: todos os lugares e recantos foram ocupados por mais de 1000 pessoas que conseguiram entrar, enquanto algumas centenas mais ficaram no exterior, sem a menor possibilidade de entrarem. Uma das portas da igreja foi literalmente arancada.

A Escola Sabatina foi embelezada com diversos números mu-



Centenas de membros aguardam a cerimónia de inauguração.



O ir. Stöger, acompanhado pelas autoridades governamentais, durante o seu discurso.



O ir. Mabote, actual Presidente da União de Moçambique, abre a igreja para o culto de inauguração.

sicais, com experiências missionárias e poesias; o signatário presidiu ao culto solene, salientando na sua pregação que a missão do cristão consiste em difundir a luz num mundo de trevas. Um bispo católico, bem como o Ministro dos Assuntos Religiosos, que estavam presentes, tomaram também a palavra. A cerimónia de dedicação demorou mais de quatro horas, mas foi, realmente, um momento inolvidável. — Ulrich Frikart, Ministérios da Igreja, D.E.A.

## Furacão Hugo: Danos mínimos entre os nossos membros

Há algum tempo, os meios de informação falaram muito do furacão Hugo, que na sua rota destruidora devastou grande parte da América Central. E alguns irmãos nossos, que sabem que há muitos adventistas naquela área, ficaram preocupados.

Desejamos hoje dar-lhe algumas informações. O Hugo provocou danos em 10 igrejas nossas na parte oriental de Porto Rico e deixou 150 famílias adventistas sem casa. Todavia, tanto o Colégio da União das Antilhas, como o Hospital Adventista da Bela Vista, na parte ocidental, não foram atingidos. E o centro da juventude, de San Juan, que também ficou incólume, foi transformado provisoriamente em sede da Cruz Vermelha. Daqui partiram os socorros às populações atingidas.

As pequenas ilhas de Anguilla e Vieques, onde também temos membros, ficaram totalmente devastadas. Mas não temos notícias de mortes entre os nossos irmãos. O auxílio material está já em marcha.

Os primeiros esforços da ADRA concentraram-se na Guadalupe, onde uma nossa igreja, que ficou de pé, serviu como centro de refugiados. Assim que foi possível, enviaram-se para ali 200

tendas de campanha e algumas toneladas de leite em pó. Gerou-se um movimento de solidariedade e vários dons chegaram à ADRA-Internacional que, por sua vez, pôde atribuir 15 mil contos às Igrejas mais afectadas e proceder a diversos envios de emergência.

Entretanto, desejamos referir os dois aspectos mais salientes de todo este processo. O primeiro é que, em geral, os prejuízos são mínimos nas propriedades pessoais dos nossos crentes. Em segundo lugar, é que muitas das nossas igrejas ou instituições poupadas puderam servir de abrigo ou sede de auxílio aos necessitados. Algumas igrejas locais americanas juntaram-se para comprar cobertores e artigos de primeira necessidade, bem como alimentos básicos: leite em pó, frutos e legumes secos ou enlatados. Os nossos irmãos e outros voluntários foram de porta-a-porta ver o que as pessoas precisavam e a seguir distribuíram o que haviam comprado.

Estamos gratos ao Senhor que poupou a vida de tantos filhos Seus. Mas resta-nos ter uma acção junto dos que mais sofrem. Para isso estamos neste mundo. — Shirley Burton, Departamento de Comunicações da Conferência Geral.